

ANTÓNIO LEITÃO

POIOS E PROSA

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MANTEIGAS
1993

POIOS E PROSA

ANTÓNIO LEITÃO

POIOS E PROSA

~~Manuscritos~~
Manuscritos
oferecidos pelo Juiz
e Pedro

12 de Abril de 1993

DiA de NEVÃO no Sena

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MANTEIGAS
1993

p. 4

DO AUTOR

Poesia

Esta Voz que Anda Comigo, 1959 (esgotado)

Chuva-Cântico-Esperança, 1965 (esgotado)

Formas Imperfeitas, 1967 (esgotado)

Sabor a Crime, 1969 (esgotado)

Palmo a Palmo, Editorial Verbo, 1971 (infantil com ilustrações, esgotado)

Verso Reverso, 1983

O Tempo e O Sonho, 1989

Prosa (versões de textos infantis com ilustrações)

Contos do Velho Moinho, Editorial Verbo, 1970, 1974
(esgotado) A

Bola de Fogo, 1972 (esgotado)

Tufão e a Raposa, 1973 (esgotado)

A Grande Aventura de Tufão, 1974 (esgotado)

p.5

A meus Pais,
gente humilde de Manteigas.

A meus Filhos,
para que saibam de suas raízes

NOTA PRÉVIA

Poios e Prosa recolhe textos publicados, em jornais e revistas, ao longo de poucos anos, e inéditos de gaveta – um artigo de enciclopédia, crónicas, contos -, ordenados com alguma lógica mínima de leitura. O tom geral é o serrano.

A unidade comparece no estilo e na alma que os anima, já definidos em tópicos principais assinalados à poesia do autor¹ - a rudeza da montanha e o pendor metafísico e místico. Aquela chama as coisas pelos seus nomes e vigora a franqueza do discurso; este eleva os horizontes e apura em lirismo muitas chatezas.

«**Prosa**», porque de conversa vão despertando os assuntos no leito de sentimento em que a vida os depõe.

«**Poios**», pois temos aqui pedras encorpadas, que dão sombra a muito cascalho, a muita brita de histórias. O autor nasceu e foi criado no respeito pelos poios, quantos deles baptizados em pia de mitos nevoentos - Poio do Judeu, Poio da Oliveirinha, Poio da Lapa do Canilho -, e tem-nos como referência de vidas bastas que amiúde lhe alegram a memória e a escrita. Por isso, fácil é reconhecer a «Serra» até em temas que a cidade vai gerando no seu ventre promíscuo.

Pareceu de bom aviso acrescentar um glossário, já que, embora todos os vocábulos se encontrem autorizados em dicionários de boas recomendações, alguns deles aparecem aqui implicados num sentido que pode soar arcaizante ou por demais regionalista. Os dicionários domésticos empilham significados e não manifestam a riqueza espantosa da nossa língua, que em falas de povo sem cessar renova sua frescura e surpreende no bulício da vivacidade. O comum da gente dita «evoluída» tem

¹ Cf. *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica (dos Cancioneiros Medievais à Actualidade)*, selecção, prefácio e notas de Natália Correia, Lisboa, 1966.

vocabulário pobre e repetitivo, onde mirra o léxico nacional ou com a omissão de palavras exactas e belas ou com a guloseima de estrangeirismos sem cor. Interpelava, um dia, certo revisor diligente a Tomaz de Figueiredo: «Sr. Doutor, esta palavra não vem no dicionário; quer substituí-la?» E o fino prosador: «Deixe estar a palavra. Para o dicionário já eu mandei dúzias delas, que é o povo quem mas dá.» Ai a tentação de escrever palavras como vontadeiro ou carvalhós por «prestimoso» ou «cambalhota»! Meus pais, tios e primos tão bem as dizem! Não as encontro em nenhum registo impresso!

Os textos deste voluminho nascem de uma igual atmosfera, lateja neles uma vida comum, são contornos de um mesmo retrato: falam da terra em que me criei e fui jovem.

Ao cabo de bastos anos de exílio em Lisboa, sempre que revivo Manteigas, permaneço na vila da minha infância e mocidade, dos anos 40 e 50. Quando regressamos a nós, é sempre à seiva das raízes, e a todo instante podemos regressar porque, segundo meditou Menéndez y Pelayo, «todo o homem tem horas de menino, e desgraçado de quem as não tenha». Há como uma nostalgia da inocência original neste perene chamamento da infância, um como senhorio do tempo para que sigamos donos da vida, pois que «todas as coisas nos são alheias: só o tempo é nosso», foi Séneca quem o disse.

Por isso, o leitor amigo destes textos vai encontrar neles um contexto porventura distante, mas precioso pois é história; porque eu descanso no tempo de muita neve e de lobos, de rebanhos, de soutos, no tempo da pancadaria entre as freguesias e do Joaquim Sono e do Manecas e dos nossos avós, que mercavam a pataco e me deram meio tostão para rebuçados na venda do João Clementino. Então, havia fontes e água com fatura e sete fornos para o pão e as padeiras a dar ordens de «amassar» e «tender» à porta de cada um. Pelas ruas

cantavam regos de água e sentia-se um acre cheiro a estrume, que vinha das lojas onde os porcos e os burros comiam e dormiam e temperavam com seu mijo e suas fezes camadas de fetos e giestas e sargaços. Os senhores doutores iam fiscalizando a saúde ou a doença; cobriam vinte mil réis por consulta e eram amigos. E as pessoas rudes; mas agora me parece que espontâneas e determinadas como o destino; quiçá venturosas mais que sofridas, o pouco lhes bastava para dar a vida ou a morte.

E eis o que aqui se regista em literatura, onde os nomes, ora disfarçados ora verdadeiros, servem uma evocação e uma saudade.

A minha terra evoluiu e bem, higienizou-se, ganhou mundos com novas estradas e telecomunicações. Outros poderão registar os momentos da evolução para que possamos admirar o caminho e adivinhar o devir da civilização numa comunidade humana tão curiosa e viva, sem dúvida das mais vivas e curiosas do País, que, no rodar dos séculos, conta uma história de isolamento e de filhos ilustres.

O autor agradece à Câmara Municipal, na pessoa de seu digno Presidente Dr. Albino Leitão, o ter-se interessado por um testemunho como este. Em tal interesse é manifesto o apreço pela cultura e distingue-se o selo de humanismo na administração. Ai do governante que descure a visão integral do bem público e reduza o valor do ser humano ao valor económico! Esse é o que, por não considerar o alimento do espírito, reclama pedestal para sua estátua quando edificou escolas com paredes mas sem livros. A Câmara de Manteigas, no fomento das suas edições, está a fomentar a vida; como disse Aristóteles, «o livro é um animal vivo». Um homem não é o que tem; um homem é o que sabe, é o que aprende. E só este prepara o mundo melhor.

A. L.

SERRA DA ESTRELA

Maciço montanhoso, o mais alto do território continental português, delimitado pelos vales dos rios Mondego (a este e a norte) e Zêzere (a sul e a sudoeste), é um prolongamento ocidental da Meseta Ibérica, no seguimento das serras espanholas de Guadarrama, Gredos e Gata. A altitude máxima atinge 1991 m, no planalto da Torre, onde um marco geodésico de 9 m, ao mesmo tempo que assinala o cume, perfaz os 2000 m.

É serra de dois rostos, que alguns naturais traduzem por «serra nova» e «serra velha»: para ocidente, escarpam-se imponentes morros (Cântaros), afirmam-se pesados granitos de longa erosão (Penhas Douradas e Penhas da Saúde), cavam-se gargantas fragosas (Rua dos Mercadores), precipitam-se barrocais de água solta por leito de pedregulhos; para oriente, arredondam-se os cabeços, recolhem os penedos sua altivez enrugada dando lugar à lisura do xisto, não parecem tão impetuosas as nascentes.

Farta de águas de boa análise, as lagoas (Comprida, Escura, do Peixão, do Vale de Ressim, etc.), os charcos (de Loriga, de Unhais), rios e ribeiros e cascatas, fontes por todo o lado, põem na rudeza selvagem uma nota de frescura e acodem ao turista que, cada vez mais lhe procurando ares e sossego, constrói uma casa ou assenta uma tenda de campismo. Há ainda as águas caldas, de boa cura para o reumático, doenças de fígado e de pele (Manteigas, Unhais da Serra).

De um e outro rostos, encostas, vales, cimos, covões, servem bom pasto a muitas ovelhas e cabras que à serra deram, de longa data, uma economia com forte recurso na pastorícia, que os Invernos agressivos tornavam de transumância. Incrementou-se o fabrico artesanal do queijo da serra, de requintado preço e mais requintado paladar. A necessidade de acautelar os rebanhos da lobagem proporcionou a criação e apuro de uma raça de cães de bom porte, focinho grosso, perna rija, pêlo basto e parca dieta - os famosos cães da serra da Estrela. A tosquia da lã deixava matéria-prima à indústria de

panos, que os muitos e caudalosos cursos de água tocavam a roda dos engenhos de fiação (Covilhã, Gouveia, Manteigas) e, em dias caseiros ou no morno do serão, as mulheres manobravam o tear a estender peças de agasalho. Já no tempo do senhor Marquês de Pombal, aquele pé de serra estava dado como o de maior produção de tecidos no País.

Acrescente-se, em nossos dias, alguma exploração mineira, mormente de volfrâmio.

Pode dizer-se que, ainda hoje, a economia da serra repousa no triplo suporte do pastoreio, dos lanifícios e do turismo. A escassa agricultura revolve courelas e chãos de boa rega ou ladeiras voltas ao sol para vinho, com relevo na recolha de frutas, batata, milho. O castanheiro, outrora querido no sustento das populações, parece em acentuado descuido.

A índole da gente serrana moldam-na os rigores do clima -- neves e ventos e brevíssimo sol no Inverno, escaldões no Verão --, acomodando-se o povo a uma vida de luta e poupança de meios, que não turva a cordialidade própria de quem nasce pequeno à sombra de grandezas naturais. As famílias guardam no sobrado a batata, na salgadeira e no fumeiro o porco, em arcazes de castanho o centeio, porque o ano pode vir de má catadura. Por isso mesmo, a casa do mais pobre tem foros de bem provida, reservando-se o melhor para o de fora. E o folclore da serra é todo ele armado desta simplicidade de quem conhece limites e muito se alegra com pouco, nem que seja com a nostalgia da solidão.

A paisagem física e a paisagem humana da serra vêm chamando a atenção da ciência, que aí descobre espécies vegetais e animais raras, se não únicas, a par de costumes do mais antigo respeito. Assim, no intuito de preservar esses tesouros, se criou a reserva do Parque Natural da Serra da Estrela, com sede em Manteigas.

Já os latinos Plínio e Estrabão, entre outros, mencionaram este maciço (de velho nome Hermínios), que as legiões de seu Império consideraram de primordial importância estratégica. Permanecem os vestígios das lutas com os Lusitanos

de Viriato e de Sertório na estrada romana que subia o Zêzere a partir de Belmonte (com ponte em Valhelhas) e no Campo Romão (= acampamento romano), que designa uma lomba de suave pendor por detrás da actual Pousada de São Lourenço. A mesma importância estratégica levou os nossos quatro primeiros reis a encorajar a fixação das populações pela concessão de forais e fidalguias.

Neste cenário de belezas encontrou Gil Vicente palco e personagens para alguns dos seus autos e outros escritores (Oliveira Martins, Antero de Figueiredo, Ferreira de Castro, tantos mais) assunto de bom verbo. Nestes cimos lavados se quedou a expedição científica organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1881, e se edificou, nas Penhas Douradas (altitude de 1386 m), o observatório meteorológico, que regista uma temperatura média anual de 8,5°C e a maior precipitação da Península, superior a 2000 mm³.

Mãe de dois dos maiores rios de Portugal, despede o Zêzere, para sul, através de um vale glacial de 10 km (o único do País), e o Mondego, para oeste, a acotovelar a raia espanhola, através de uma sucessão de vales doces e enlameirados. Um e outro vão abrir a Cova da Beira e banhar o viço de seus vergéis. Outras águas e outras energias a serra guarda e distribui. Amodorrado colosso à distância, não se esgotam em seu bojo fecundo os impulsos da vida.

PRAÇA DO MUNDO

A PRAÇA

O pavimento era a calçada que revestia todo o chão das ruas, dos largos, das quelhas, calçada puída de séculos de botifarras com brochas na sola e peso no andar. Mais ligeiros pisariam aquela borbulhosa pedraria pés descalços de corrêcio fugido ao pai do que sapatinhos de polimento de algum doutor chegado a casório. Nela desembocavam, como rios de esperto leite, quatro ruas das quatro inclinações da vila. Rodeavam-na os edifícios mais nobres: câmara, quartel da guarda, cadeia, correios, Misericórdia e um correr de casas nascidas no século XVII, parece que instalações do primeiro hospital. Não tinha nome. Era simplesmente a «Praça».

Ainda que todos os domingos se mercadejasse por ali o pouco e o muito do comer e do beber, do vestir e do calçar, ferramental e atavios, a praça foi para mim o deslumbramento original dos palhaços. Chegaram em uma qualquer madrugada de sono escuro e, logo pela manhã, deram sinal ao povo com tambores e cornetas. À boquinha da noite, no centro da praça, havia um mastro erguido com uma bandeira no topo e muitas fitas coloridas à dependura. Furei a muralha de homens que priscavam e envesgavam os olhos para as fatiotas dos comediantes. Sentei-me ali, à frente, coladinho ao Quim Direitas, e aquecia-me ao borralho das cabriolas, às labaredas das chalaças, ao tição de berros do palhaço pobre que me entrevava a alma de tanto sofrer e ser alegre. Muita lambada apanhou e muito se desengonçou e muito sonhei a ouvir gargalhar a praça, semanas e semanas a fio.

Que a minha terra não tivesse uma rua, uma fonte, uma badalada de sino, um fumo de lareira, não deixava de ser fidalga terra -- tinha a praça. Nua, sem uma planta, sem um banco, sem uma estátua, oferecia, para a cavaqueira soalhal, a sombra das varandas e as escaleiras dos balcões. Era o meu mundo por onde passava todo o mundo.

Tal como na Grécia dos mitos a ágora: forma e espírito, coração natural, pulmão aberto, encontro, identidade. Tal como na Roma dos conquistadores o fórum: religião, política, milícia, economia, espectáculo. Vem de longe e é faustosa a genealogia da praça, de muitos séculos de antes de Cristo. Em estreita ligação com todos os grandes eixos de circulação da polis ou da civitas, ela foi sempre o templo, o parlamento, o mercado, a fortaleza, O circo. Resumiu a personalidade de um povo, determinou a topografia, tornou-se o elemento essencial da composição urbanística. A praça é para a cidade o que o lume do lar é para a família.

Por isso a cidade a circundou de imponentes arquitecturas: igrejas, tribunais, câmaras, tesourarias, quartéis (já Vitruvius tudo isto referira para o fórum). Por isso a cidade a povoou com seus heróis e seus deuses e nela edificou arcos de triunfo que celebram vitórias da pátria. Por isso a ela se chegaram Demóstenes ou Cícero, a pleitear causas de justiça e de liberdade. E vai-se ajardinando a praça, refrescando de sombras e de chafarizes, verdecendo de relvas, perfumando de flores. Passa de grega a helénica, de romana a latina vem construindo outros tempos, saudando outros costumes para ser nossa, para continuar meu deslumbramento original dos palhaços.

Hoje, a praça dispersou-se com os avanços da civilização. E, para rezar, procuramos a Igreja com seu adro e sua luminosa fachada em outro contexto de bairros. Para fazer política e tocar os maquinismos da Administração, refugiamo-nos em grandes anfiteatros, reunimo-nos em salões confortáveis, acautelamo-nos em gabinetes sigilosos (e o que dantes era público foi-se escondendo em cautelas). Para a instrução das armas, implantámos quartéis que os mancebos da Pátria muitas vezes

não entendem e muito menos amam. Para comprar o pouco ou o muito do comer e do beber, do vestir e do calçar, ferramental e atavios, vamos ao mercado, à mercearia, à loja, ao centro comercial, visitamos as feiras, sofremos, na bolsa, a dança dos capitais. Para nos divertirmos, pagamos o cinema e o teatro, berramos os futebóis, luzimos as touradas.

É, porém, simples entrar na Praça do Geraldo e tagarelar com a Évora do Manuelinho; desembarcar na Praça do Comércio e temer o senhor Marquês de Pombal. Mas, na praça de Évora, entendemos a contenção de gente que se orgulha da independência e por ela é mártir, como na de Lisboa nos abrimos aos novos sóis que inventámos e nunca deixaremos de inventar, pois lá postámos um rei em frente aos caminhos do sonho.

Quantas praças por esse Portugal, todas em a minha resumidas, galhardia e ventura de infâncias que se renovam, serenas e mouras a sul, buliçosas e romanas ou gregas mais a norte, luminosas e garridas, austeras e sólidas, quantas praças nos retratam em povo de povos! Vamos às praças! Guardemos as praças! Salvemos as praças! Elas são o que somos: nossa prece, nosso brasão, nossa autonomia e permanência, bem comum. Nosso mundo onde passa todo o mundo.

O MUNDO

O Mundo o que é? Perguntai-o aos filósofos, que não vos darão resposta. Para tudo guardam, no armazém das ideias, umas quantas sentenças abstractas que chamam «conceitos» ou «definições». Falam do Mundo enquanto conjunto de todas as coisas, conjunto de todas as coisas criadas, conjunto de entidades de uma classe ou categoria, zona geográfica, zona geográfica num período histórico, horizonte ou marco no qual se englobam certos conhecimentos ou coisas ou acontecimentos -- abrem-nos tratados de cosmologia com seus capítulos áridos.

E, quando nos têm empanturrados e néscios, remetem-nos para o palácio das ciências positivas. Aí nos acodem a Física, a Astronomia e seus metros vários para toda a medida e peso, a que a Matemática soberana assiste, cobrando um quinhão de usurária nunca exaurida. Do palácio das ciências me evado, a galgar quelhas que as teogonias lavram e me poisam no remanso da poesia. Enfim, na margem de águas transparentes entendo o que é o Mundo, o que é Mundo, pois me reencontro nascidinho de fresco, menino sem aulas, de olhos que vêem.

Quando eu era pequenino
e saltava pela terra,
o Mundo todo acabava
nos montes da minha serra.

Hoje, sou homem; conheço
dois mundos que não têm fim:
um é o Mundo de todos,
outro é o Mundo de mim.

Aos mundos de filósofos e cientistas mostro meus objectivo e subjectivo mundos que invento. Com estes mundos meus desnudo os mundos-sistemas, que na enxurrada da especulação e da verificação sedimentam suas areias de verdades mínimas. Ainda os mundos de humanistas – da História, da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia -- ainda esses com *meus* desnudo; mundos de metonímia, no homem concentram os contornos e limites de tudo real, resumindo em parte o todo e o conteúdo em continente.

E não clamo por mais definição do que a rezada por minha avó. Tinha ela um oratório, recheado de doutrina e vida mais do que o armazém de ideias dos filósofos. Em singela iconografia ensinava o que há em outro Mundo para alimento de fé. O que me encantou, anos e anos tenros, aquele Menino Jesus de veste fidalga e uma grande bola na mão direita!

-- Avó, o que é que o Menino tem na mão?

-- Aquilo é o Mundo, meu filho.

-- O Mundo, avó!

- O Mundo, pois; é que o Menino Jesus é Deus, e Deus tem o Mundo na mão.

Com uns olhos de azeitona cordovil, a minha avó era senhora de olhar resplandecente e firme com que alumiaava quanto nos dizia. Foi esse olhar que me disse, para sempre, que Mundo é o que está na mão de Deus, e o que não está na mão de Deus não é. Se Byron disse que «a árvore da ciência não é a da vida», estou em crer que por certo ouviu a minha avó.

Também é Mundo o meio-mundo que vem à minha praça. Suma da criação e com senhoria delegada sobre ela, o homem espelha os profundos mistérios do infinitamente grande e do infinitamente pequeno, em que Pascal buscou os extremos limites do ser Universo. Kósmos (organização), mundus (limpo), o homem é mais do que céu e terra, concentração da biologia

integral, imagem de puro espírito. Que pensará do Mundo este meio-mundo que vem à minha praça?

Que pensará ou que saberá? Por uma e outra realidade se daria a conhecer o homem, se não fora enganada a voz de Francisco Bacon: «um homem é o que sabe».

Não, não somos o que sabemos. Uns dizem que tão-só o que temos, pois nos identifica o aparente valor, e o aparente valor é significado no preço do que, humana ou desumanamente, acumulamos. Por tão ingente razão, o meio-mundo que vem à minha praça me dá as desigualdades de vida que a alma carrega: é esse cortejo de personagens que o bom do Gil Vicente faz viajar nas barcas do Inferno e do Purgatório e da Glória. O meio-mundo que vem à minha praça é esse «Todo-o-Mundo» que o mesmo Gil Vicente manda feirar e, no feirar, vai palestrando com «Ninguém». É o sentimento e o pensamento, o sonho e a intenção, a vitória e o insucesso, a virtude e o vício, a inocência e a manha, a política e o compadrio, a justiça e a peita, a guerra e a paz. É o meu sapateiro, o meu professor, o meu ministro, o meu sacerdote, o meu presidente. É o meu vizinho, o meu irmão, o meu «bom-dia».

Cá os espero, nesta «Praça do Mundo», e às suas boas ou malas-artes, a ver se os descodifico para saber das estrelas e do pio dos pardais e para adivinhar por que tudo quanto é bem me leva ao belo. Na paz do silêncio.

Amém.

VIGÁRIOS E SACRISTÃES

Corria o almoço apaladado e tranquilo, a conversa desimpedida avulso, quando começou a nascer da estrada das Caldas a música dolente. E logo me distraiu. Até então, o que mais cismava era a figura do senhor José de Matos, homem que sempre recorde de comida escassa e de falas poucas, uma finura natural remansada em parcos gestos. Os assuntos brotavam todos na vivacidade de dona Electa, que se explicava com voz sem relevos nem timbre de nota. Estranhou que eu não reagisse a uma pergunta, vendo-me absorto, o copo do vinho branco na mão levantada, como num rito.

-- O que tens tu, António?

-- Nada, madrinha; é a música.

-- Olha!, a música; nunca ouviste a música?

-- Coisa bonita! Quem é que vem a tocar?

-- Hão-de ser os de Santa Maria, que os outros já por cá andaram -- e, dirigindo-se ao marido:

-- Tens alguma coisa à mão para lhes dar, José?

Que sim e por mais um pouco a familiaridade na refeição. Mas eu passava de distraído a desassossegado e não compunha os modos como de costume.

-- Ó rapaz, vai lá à porta, vai lá ouvi-los; se não, vejo que mal atinas com a carne. Nós esperamos. Sabes o que te digo, José? Muito gosta ele de música.

E fui. Era a Pascoela. Andavam as bandas a saudar de «Boas Festas» as famílias dos arredores da vila. À minha frente, a Música Velha parava sem deixar morrer aquela espécie de marcha triste que me impressionava tanto. Que garboso alinhamento de homens muito compostos no fardamento e

concentrados no som! Quando acabaram, perguntei que peça era o que tocavam e respondeu-me um, que não lembro agora, a ajeitar a palheta do clarinete:

-- Isto não tem aqui nome. Foi o senhor Padre Parente que nos deu.

Poucos dias depois regressava a Lisboa. E foi-me dado ouvir a Sétima Sinfonia de Beethoven. Quando chega o segundo andamento, não contendo um sobressalto e uma exclamação que os amigos estranham. Ali estava, não havia dúvida, a magia que me tomou de encanto no almoço.

Oi!, a diferença entre aquela orquestra e a Banda Boa União, entre a arte do estúdio e do disco e a espontaneidade silvestre da Senhora dos Verdes. Irresistível Beethoven, se puderas adivinhar como soas bem ao fundo dos morros da minha serra, havias de esmolar a todos os padres «Parentes» do mundo uma hora de insónia que te copiasse para te confiar aos sopros e aos bombos da banda mais rústica.

A mim, o que mais me tocou foi a veia romântica que já nem sei se do génio de Bona ou do Vigário de Santa Maria. O senhor Padre Parente era um clérigo pesado no andar e prazenteiro no semblante, de palavra humaníssima e humor sereno. O chapéu de coco e a bengala de castão de prata lhe sublinhavam a aristocracia da pose. Artista de melodias e harmonias prontas, tinha sempre papel e lápis à cabeceira, porque, tantas vezes a desoras e noite morta a todo o instante o podia sacudir a inspiração. Uma arca encheu com partituras de clássicos e, se ouvia no rádio obra que lhe agradava muito, tentava logo registá-la no papel. Algumas vezes me declarou seu afecto porque me sabia inclinado à mesma arte.

Bem para o fim da vida, desafiei-o a dirigir um Ecce sacerdos de sua autoria, a quatro vozes mistas, que havia de ser cantado à entrada do bispo na Matriz. Respondeu-me que já não podia, nem andar quanto mais reger, mas iluminou-se de entusiasmos, leu-me a partitura e recomentou:

-- Nos sopranos, **a Benvida Forte** aguenta as outras e, nos contraltos, **a Adelina Pachoa...** Os homens lá têm **o Prata e o Bernardo que já cantaram isto...** Há-de correr bem.

Assistiu ao ensaio geral, chorou e abraçou-me com um adágio de ternura. Antes de morrer, mesminho nos limiares da agonia, o senhor Padre Joaquim Dias Parente rogou que entoassem o «Santos Anjos e Arcanjos» e apresentou-se a Deus creditado do fervor e da piedade com que compôs esse cântico. Anjos e arcanjos lhe terão deparado, no paraíso, uma viola de ébano, um piano de cauda e um órgão de tubos como nunca encontrou na terra, para que não estranhasse a morada eterna e os deleitasse com seus deleites.

O vigário de São Pedro dava pelo nome de José Bailão Pinheiro e era o senhor Padre Zé. Com alvares de meninice parda em Manteigas, bonito homem e culto de viagens e livros, mais do que uma vez esvaziou o tinteiro a escrever monografias. Passou por Paris e não deixou de visitar Afonso Costa, aceitando-lhe os óbolos para os pobres da vila. Foi o primeiro português a ver D. Manuel II quando el-rei morreu. Compareceu em congresso eucarístico na Hungria. Peregrinou por Roma e Terra Santa. Cirandou por Áfricas e Brasil. Seu coração espreitava roteiros de andarilho ainda quando, num serão de Janeiro, remexia as cinzas da braseira e compunha as lunetas para a reza do breviário. E que distinção lhe davam as lunetas encavalitadas no nariz fino!

Alma de amigo fazedor de amigos, não apartava cristãos e ímpios, não o alteravam títulos, riquezas ou peculiaridades sociais, por igual afável e cortês no trato com todos, um senhor em salão de gala e no quarto escuso de pastor enfermo. Apreciava o bom copo, o feijão do forno e viam-no jovial em boda de casamento e baptizado. Amava a serra e passeava-a e mostrava-a a visitantes ilustres. Se o calor apertava e o zelo das almas consentia, demandava o recato de uma casita

na Senhora da Ajuda, para receber as brisas lavadas e arrumar os olhos nas ladeiras da Canada e na floresta de pinhos e carvalhos que verdecem no Gavião a caminho do Poço do Inferno. E à Senhora da Ajuda subiu alguns anos, pelo São Martinho, para um magusto com a pequenada da doutrina.

Estou a vê-lo, direito em seu corpo seco, quase encostado à parede da capela de Santo Amaro, ali, na Estrada Nova, a seguir atentamente os trabalhos de reconstrução da igreja de São Pedro; vestia o guarda-pó que não deixava de o acompanhar em viagens e excursões e nem essa pobre indumentária lhe apoucava a nobreza do porte. A maciez do rosto denunciava a doença que por uns dias o reteve acamado. Passando um homenzinho a tocar um burro carregado de malhada, saudou-o:

-- Boas tardes lhe dê Deus, senhor Vigário! **Vai melhor da soltura?**

Que sim. Um olhar. Um afecto. Um perguntar pela família.

-- Deus te acompanhe!

E outra vez aplicado a observar os artistas como se Deus o nomeasse fiscal de obras para construir morada de bons alicerces. Já lhe esboralharam a casa e alindaram o largo. Já um cancro o levou ao paraíso, aonde chegou a tempo de acender a voz para cantar «Virgem Senhora da Graça», numa procissão de velas que agora não terá fim.

Não descobria por lá o fiel sacristão, com sua passada viva e aviso discreto, a compor as alas dos devotos. O senhor João ainda por este mundo trabucou uns anos, enxuto de carnes, rosto miúdo; não abundava em arcaboço, como seu vigário e sua igreja esguia nas saudades góticas; até o badalar dos sinos, se bem que de argênteas ressonâncias, timbrava sobre o magro. E como os repicava o senhor João aos sinos, com arte e frémito

cintilante: parecia até que os penedos riam e saltavam na escuridão da Fraga da Cruz.

Cidadão laborioso e de fidelidades, o senhor João aquartelava a família numa quelha pacata sobre o lado esquerdo da rua que subia desde a loja do senhor José Cleto para a escola, a família que Deus alegrou de filhos; vingaram e criou sete, uma menina e os mais rapazes, todos ostentando a assinatura do pai no afilado nariz, no olhar de lume, no delgado risco dos lábios, no agudo queixo. Para tanta boca muita labuta: operário da fábrica dos Moinhos, acudia a todo o serviço da igreja e aplicava--se ao clarinete na Música Nova; não deixaria de amanhar umas courelas, a botar-lhes batatas e a espevitar-lhes verduras para a panela do caldo.

De bons fígados, quando fazia que se arrenegava com os gaiatos, espavoritava-os como a frangos do quintal, mas era porque lhe atravancavam as pressas, e queria-lhes bem. Uma que outra ocasião levava um mais espigadote ao alto da torre e deixava-o dar umas badaladas. O fedelho todo feliz e o senhor João a espantar:

-- Ala! Toca a bulir, que a festa acabou.

O senhor João, João Martins, todos o conhecíamos por tio João Bichas e era como se esta alcunha «Bichas» se alevantasse em nome sonante com foros de braço.

Em Santa Maria, o sacristão era o senhor Bernardo. E que senhor, que talento, que solenidade, que hieratismo, como se os santos dos altares tivessem pago assinatura de nicho para assistir a um espectáculo! Morava ao Cimo da Vila, na quelha do Rossio, com a senhora Antónia, e a boa harmonia do lar trazia-a para todos. Assistia-o um pendor cáustico que jamais desperdiçava nas rivalidades das freguesias, corifeu respeitado e estimulado dessas mesmas rivalidades. Deveríamos defini-lo esteta popular, pois que olhava todas coisas com a surpreendente claridade de quem vê para além de todas as coisas, como os Miguéis Ângelos dos muitos renascimentos com história perdida. De letras exíguas, improvisava rimas cheias de graça e bastantes lhe pôs em cantiga o senhor Padre Parente.

Dado a teatradas, adestrava no palco sua filha Maria de Lourdes, qual Gil Vicente sem corte mas com vida e festa para povo, nobreza e clero. O talento mais se lhe relevava nas artes plásticas e pintava e esculpia, com fantasiado gosto, temas de mitologia cristã.

Como seu vigário largo de corpo, aprimorava as tarefas de sacristão na Matriz, largo templo que se anunciava em largas vibrações de bronze quando lhes manobrava os sinos, às trindades, ou a dobrar pelos mortos ou a repicar aleluias. Não vou esquecer seu jeito de prosápia, sua malícia de olhares, que mal disfarçavam uma brandura de alma calorosa. Quem lhe queira o retrato entre na igreja de Santa Maria e detenha-se nos relevos do tecto ou visite o cemitério de São Marcos para se quedar junto de algum mausoléu. Depois, desça aquela rua em «S» que dá para o Valzedo, a prestar-lhe homenagem, que a Câmara pôs lá uma tabuleta com seu nome.

Vigários e sacristães consagraram a terra da minha infância e juventude, aparecendo estes como reflexo e prolongamento dos sacerdotes e aproveitando-lhes naturalmente sua dignidade, que a vila lhes reservava um quinhão de reverência, a eles que tão ligeiro papagueavam nacos de latim na missa. Alguns eclesiásticos dão a impressão de que Deus é deles; no que respeita ao senhor Padre Zé e ao senhor Padre Parente afirmo que eles eram de Deus. Antes de mais, pela fraternidade: nossos, de nossas fomes e farturas, de nossos risos e lágrimas, não se coutavam em casta, em santo dos santos. Viveram um tempo modesto e ao serviço, internos como o sol, a chuva e a neve, numa comunidade de precisões, jamais se cansando de baptizar, de casar, de enterrar, de cantar ao Menino Jesus, ofícios e aleluias, de festejar o Senhor do Calvário e a Senhora da Graça. E renovaram, com fé e obras e despesas, suas igrejas. Fizeram-nos chefes de guerrilha e nunca iludiram a

paz, considerando-se com mútuo respeito e atenção e fidalguia. Não foram santos; mas estão com Deus.

Permita-me o leitor mais jovem duas informações visto que é preciso explicitar duas referências. Quando falo em Estrada Nova refiro uma das artérias principais da vila, que agora dá pelo nome de Rua 1º de Maio; tinha piso de terra batida, com algumas covas encarameladas no Inverno, e servia à maravilha para jogarmos à piorra e à pedrincha. Quanto à capela de Santo Amaro, ela existiu em local que hoje corresponde ao fundo da Avenida Comendador Francisco Esteves Gaspar de Carvalho e foi de bom préstimo para o culto aquando das obras da igreja de São Pedro. O edifício não teria particular interesse e desapareceu, como desapareceram, nas Caldas, as capelas de Nossa Senhora de Lourdes e de Nossa Senhora da Saúde.

O AVÔ

Minha Serra da Estrela, mãe de heróis sem História que os acoite, em cada um deles poderia eu retratar teu rosto de comunidades seculares e puras. Aqui te deixo um esboço de meu avô Joaquim, cinquenta anos pastor de transumância: descia, pelo Inverno, até Évora-Monte; pagou um pataco de portagem para passar com o rebanho na ponte de Santarém; subia novamente o mapa quando a mais tenra Primavera acordasse a ervagem de seus montes que despiam a capa do gelo. Em meu avô Joaquim, em todos os avós joaquins de teus rudes termos rememoras um tempo que sempre te faz menina.

A tudo acudia com nobreza, alma brava para vencer a fome e doce para vencer a agonia.

Um ano, entrou-lhe a desgraça portas adentro: morreu-lhe o filho mais velho, que já tomava tento no gado; cozeu-lhe a geadada o couval e azeitonas; apodreceram as batatas na terra; os castanheiros varejou-os a saraiva e as ventanias; até ao porco o encontrou frio e inteiriçado na palha da loja, uma encarvoada manhã de Março. Semanas e semanas levou em cismas. Ao fim, tirou da panela uma gadanha de caldo e cortou uma fadiga de pão:

-- Ó Rosa, passa-me a borracha!

Esguichou e bebeu o que bem lhe soube e não adiantou mais o serão; abriu, um migalho, as mãos sobre os tições remexidos; foi buscar a machada.

-- Ó Rosa, pega no candeeiro e alumia-me ao sobrado!
Anda, mulher!

O sobrado tinha um belo alinhamento de caibros de castanho, negros do tempo e do fumo, vigas fortes, seguras, como se delas fosse a segurança e a força da casa e da vida. Feriu os caibros à machadada e aos berros:

--Vai-te embora, fome! Ala! desampara-me a loja, que eu não tenho medo, condenada! -- e todo se cobriu de suores e de fúria.

Minha avó alumiava, tremia e clamava pelo Senhor do Calvário, pela Senhora da Graça. A fome matou-a meu avô, aquela noite.

Passados muitos anos, ainda eu vi os barrotes feridos e ali testemunhei a coragem do sangue que os feriu e que em meu próprio sangue ferve para que lhe reconheça a dignidade e a labareda chamejante.

Cumprido o seu tempo, como sentisse a morte, mandou chamar o neto padre:

-- Assenta-te nessa cadeira e confessa-me!

Tanto padre na vila, em férias de Natal: podia chamar-se o padre Neves, a dois passos, mesmo defronte da quelha do forno...

-- Não; isso não. Bom é servirmo-nos de quem nos pertence. Já deu a meia-noite e, com o frio que vai lá fora, primeiro incomodam-se os da família: senta-te e confessa-me!

Ao neto foi que ele despejou seus pecados antes de morrer. Tinha oitenta e sete anos, nunca se chegara a médicos e, agora que aparecia o Dr. João Isabel, segredava:

-- Senhor doutor, se vê que é mesmo para ir para São Marcos, dê-me uma injeção para andar mais depressa, que escuso de enfadar os filhos.

O meu avô Joaquim, o meu avô poeta, o meu avô bom. Sentado na escaleira da porta a ver passar a vida, mandava mais do que um rei em seu trono, mastigava mais sabedoria do que um filósofo em sua cátedra. Estou a vê-lo, seco e por igual acobreado, os olhos pequenos mas lume, olhar grande como só o de pastores avezados a cobrir lonjuras do alto de cerros.

O TIO ANTÓNIO PAI DO SANTO

Serra da Estrela, evocá-la tem sido afirmar-lhe a rusticidade do pastor, a nobreza do cão, a excelência do queijo, a água pura, o ar lavado, os morros com neve, tudo resumindo em um cenário mais ou menos romântico, onde, parece, queremos parada a vida. A verdade é que a geografia humana se vai alterando e poderíamos, agora, agigantar outras figuras, outros progressos, sem desdenhar o património tradicional. Vou eu chamar aqui um vulto esquecido para o retrato do operário que, em Manteigas, alvoroçou a primeira passada da era industrial. Pois que a Serra tem, hoje, mais operários do que pastores, é bom falemos do Tio Antónimo Pai do Santo. Desde já se avisa que existiu e que existiram quantos se nomeiam em seu mundo algo retocado.

Porque lhe chamavam Pai do Santo não sei: jamais fora casado e também não constava que alguma vez fizesse um filho. O que sei é que ele trabalhava **no tinte do engenho do Martins**, lá para as Caldas, e que, no trabalho e na taberna, se irmanava **com o Joaquim Cuco**. O Pai do Santo bebia – olá!, se bebia! -- mais fervoroso do que no sono. Os copos ora o alegravam em fadunchos ora o embrulhavam em zaragatas de acender o mulhério envinagrado, praguejar torpezas e deixar uns salpicos de sangue na calçada de **Fondevila**. Muita sorte quando não malhava com os ossos na cadeia da Praça por uma noite ou umas horitas, a desanuviar. Mas o Pai do Santo era o Pai do Santo, pobre diabo e amigo das crianças, um manga de São Francisco a mercar rebuçados para os cachopos.

-- Eh!, rapazes, à ruça! - e lá ia um punhado deles ao ar e lá iam os malteses gulosos de cambulhada, aos tombos uns por baixo dos outros, num pandemónio de espavorir bicheza. Acudia a tia Chaparra, a ganir pela janela:

-- Condenados! Estrugem os ouvidos à gente! Ala daqui! Deixa-os em paz, meu demonho, que não ganhas juízo! Sempre em vinha d'alho, tal homem, Jesus!...

Isso sim. Pai do Santo ria, ria, naquele frenesim de criança adulta que lhe arrancava os vivos à Música Nova, nas escaleiras do adro. Doido pela música, seguia-a por toda a parte, marchando ao compasso do ordinário e trauteando a partitura do cornetim. A Música Nova consubstanciava nele todo o fogo pela Freguesia de São Pedro e valeu-lhe algumas traulitadas se os arraiais azedavam. E, quando, em manhãs de missa cantada, a banda parava às portas da igreja, farda azul de botão amarelo e os cromados do instrumental a bailar de luz, tá-chim-tá-chim, Pai do Santo, empertigado, num êxtase, aguardava que o Polainas estoirasse no bombo o ponto final para a dispersão e clamava, do fundo das suas convicções enérgicas e piedosas, o triunfo mais vibrante daqueles cerros:

-- Viva a Real-Filha-da-Putada-Música-Nova!!!

Dois ou três catraios berravam «viva!», a população numa galhofa labrega e o Pai do Santo a bater palmas, palmas, e a afiançar que o Amaral tinha mais embocadura do que o Carapanta:

-- Embocadura e peito! Quase uma semelhança do Zé Pico, no seu tempo. Nem havia sacana que lhe arrumasse os beiços como ele, a cuspir notas. Até parece que falava o cornetim! -- E rodava à missa.

Celibatário e rude, quando o conheci, mazombo, ia já nos seus cinquenta, não muito alto, carão de cebo negro, nariz carnudo e beíça à banda, chupa que chupa na magra prisca; a envesgar os olhos. As guedelhas empastadas lambiam-lhe orelhas e pescoceira. Jaqueta, colete, calças e botas tresandavam aos óleos da fábrica. Sugeriu, naturalmente, uma tela de Rouault.

Devoto cumpridor de missa dominical e desobriga, **avezado às** novenas da Senhora da Conceição, do Menino Jesus, de Santa Inês, Ofícios de Trevas, Senhor do Calvário e Senhora da Graça, ressonava que era um regalo nos sermões da Quaresma -- mas viram-no chorar um dia, junto da Misericórdia, quando o padre Morgadinho, todo luto em negra capa, atroou com tremuras os tormentos do Senhor, no sermão do Encontro:

-- Pregador duma cana, aquilo é que ele tem uma garganta que **até se ouve nas Moutas!**

Não havia procissão onde ele não aparecesse a rouquejar «avés», arreganhando a dentuça cor de tabaco toda por igual. À noite, não adormecia sem um ror de lamúrias bentas, **agaçadas da memória da avó Rosa** e a cheirar ao seu quê de latim: **Ave Maria de Grande Valor, Sete Palavras Santas Ditas e Retornadas, Oração ao Glorioso Patriarca São José** advogado na agonia, **Magnificat** a minha alma ao Senhor, «**Misarela**», **Responso a Santo António, Credo em Cruz...** Amém Jesus! Parente de **Adelino e Joaquim Mocho** -- os valentaços do guião vermelho (nem três homens para o erguer!) --, uma franca amizade o chegava **ao sacristão João Bichas**. E, por tudo isto cuidava subir ao Céu, a badalar aleluias para os pés da Santíssima Trindade.

Um dia, começaram a estranhar o Pai do Santo e, na Avenida, à porta **da venda do João Clementino**, ouvia-se a **Tia Caçalha**:

-- Ai!, **Berta**, o Pai do Santo, que homem aquele!

--Então, o que foi, mulher?

-- O que ele andava de murcho, bendito seja Deus! Não vai longe... Alguma cadela duma bruxa lhe botou mau-olhado. Vi-o, **além, nas Lajens**, a gemer que não lhe puxava o corpo pra nada, que o que fazia era deitar uma aguadilha, assim como uma corla pra fora da boca, o mijo da cor do chá preto, moinhas ao cimo da barriga, sobre o lado direito. Uma dor d'alma.

-- Sabes o que te digo? **Aquilo é boer, boer sem regra** e não pode ser. **Cozeu-se-lhe o bucho**, foi o que foi, e trague por lá o fígado em cortiça podre. Inda arrebeta pra aí, mulher.

-- Coitado! É um pobre diabo e amigo das crianças. Se não lhe acodem...

-- São vidas.

O Tio António Pai do Santo derretia a féria no vinho. O vinho que lhe esquentava o sangue lhe refugou a morte. Entrou no Hospital com cirrose avançada. Bem sabia ele dessas retóricas... Os doutores dizem o que ninguém entende. Apagou-se com saudades de um copo bem escorrido. Não devia nada a ninguém. Paz à sua alma.

AS BRUXAS

As bruxas são um capítulo da minha cultura de infância, um pouco de saudade e poesia, acomodadas numa teoria cinzenta de ritos, mitos e símbolos. Com procuração de Mircea Eliade, poderíamos surpreendê-las na desova do sentimento religioso que os filósofos tão mal definem.

Ai!, os receios aperreados no falatório **da quelha do forno!** Era sobretudo à noite. Enquanto, na estreita Rua de Santo António, alguns matulões, estaca ao alto, porfiavam em abater morcego atarantado com a luz da esquina, nós povoávamos a imaginação com os romances de lã preta escondidos no janelo, sobre o canto da lareira... **João Biló** chegou mesmo a contar umas peripécias estranhas, certa noite em que acordou -- imaginem! -- no telhado inacessível da sua casa tão alta. O Biló gostava de assoprar histórias de romancista; mas não se deu à literatura: ficou-se por cotões de fábrica e **courelas couveiras**, mais fatalista e diligente no bem da família do que muito ministro de gorda pasta no bem do povo. No telhado o despejaram as bruxas. Como saiu de lá ainda hoje não sei. O que sei é que todos sentíamos tremores e febrinhas, que nem um aí era posto em dúvida.

A quelha do forno ficava em **Fondevila**, mesmo à porta da minha **avó Encarnação**, onde, às tardes de domingo, de quando em vez, zaragateavam os bêbados, com salpicos de sangue na calçada, pragas de mulherio e esganiço de fedelhos. A quelha do forno deixava-a perfumada o **tio Cruto** quando a atulhava com carradas de carqueja e estevas e abalava, rua acima, na pachorra de seu carro de bois, a embulhar um cigarro tranquilo. Para lá nos encurralávamos, a **jogar ao «saltivão»**, à **«mamaste-a»**, ao **«coqui'i'mol-rincatafol-faz-bordão-pra-ti-caga-**

Ihão»... Mas não havia nada que nos aproximasse tanto e nos afervorasse como os serões de cavaqueira. E era tudo mistério naquele esconso de granito pardo.

A grande, **a terrível bruxa era a tia Vidinha**, que morava na ladeira para a escola. Sempre que lá passávamos, vá de **esconder uma figa nos bolsos**, por mor do mau-olhado. No Eirô é que eram elas, um flagelo na casa dos pastores, volta e meia atormentados com o gado e a criação de ao pé da porta, que o mau-olhado também pegava nos animais. Havia que atalhar com a cruz de pau de roseira, o rosmaninho queimado, lamuriar o esconjuro de mais virtude. Chegavam-se **as mezinheiras bentas** a receitar unguentos e benditos de grande préstimo.

O certo é que todos guardávamos muito respeitinho ao caso, pois com coisas sérias não se brinca e ainda hoje me zoa nos ouvidos a voz encaroçada da **tia Bernarda Cuca**, meio ameaçadora, meio conselheira: «Não te queres crer qu'há bruxas?!» Pobre tia Bernarda Cuca!, lá morreu numa tarde de Verão, a pisar uns 100 anos muito encurvados de apanhar papéis da rua para encher o avental e clamar:

-- É dinheiro, é dinheiro, cachopos! Tanto dinheiro! Vou fechá-lo no baú, por via da ladroagem.

No dia seguinte ao da morte da pobre velha, caiu à cama a **prima Graça**, afogueada, a febre a acender-lhe os olhos num fulgor de vidro liso, a suspirar por água. Minha tia fervia um púcaro e dava-lhe água morna, uma água agonienta que nem matava a sede nem aliviava coisíssima nenhuma. A Avó repetia que era mau-olhado na rapariga e prometia velas à Senhora da Graça, litros de azeite ao Santíssimo, um alqueire de pão a São Domingos. Repontava-lhe meu avô:

-- Senhor, misericórdia, perdoai-lhe! Tanta promessa à vista dumas maleitas. **É dar-lhe argençana**; amarga mas cura. Atão para que a trouxe eu do Cântaro Magro?

Um dia contarei o que me parece bem da doença da prima Graça. Não foi aviada a receita do Avô «médico». Por ora deixemos as bruxas em seu mistério, para que possam continuar

a bailar, noites de luar fino, numa clareira de poios, por detrás da Fraga da Cruz.

Tal como bailam, hoje, em minhas reminiscências de menino.

A BENZEDEIRA

Uma tristeza! A rapariga, até então bem-criada e fresca, ia amarelando, amolecia e nem alma arranjava para levar a vianda aos porcos. Que não era calacice afiançava- minha tia.

-- Isto nunca virou a cara ao trabalho. Um azougue! Enrodilha-se-me agora pelos cantos e não há quem lhe abra a boca para uma gadanha de caldo!

Ao cabo de uma semana, deu em empolar nas faces, os olhos a esconderem-se no fundo de uns covais de inchaço vermelho e liso como a pele do tomate maduro das courelas do Zorrão. Caiu à cama.

-- É bruxedo, já disse. O anjo da guarda nos acuda, minha rica filha! -- responsava com arrepios a **avó Rosa**.

Mas o meu avô e o pai da enferma decretaram que aquilo era «**jarpela**» (os médicos dizem erisípela) e preferiram chamar a benzedeira.

-- É preciso acudir antes que se acenda para aí um «**jarpelão**» (erisipelão) com uma pleurisia que mande a cachopa para **os torrões de São Marcos... Andamos neste fadairo** vai para três dias...

Foram buscar uma velha atafalhada de saias até aos tornozelos, queixos bem apertados num lenço preto com duas pontas caídas como orelhas de coelho gasto. A mão direita não parava de escarafunchar na larga matrona cor de castanhas verdes, e a esquerda amarfanhava um paninho encardido com que limpava a ramela. Olhos foscos e inquietos, como bugalhos movediços nos refegos da pele malhada.

Mal entrou no quarto, deu um toque no lenço da cabeça, a tapar a alvura do cabelo apartado ao meio, repuxou o xaile que lhe pingava na curvatura das costas, afilou o nariz e o

queixo, desagarrrou o catarro da garganta e proferiu numa assombração:

-- Credo! rapariga, essa cara é um trambolho. Temos enguiço!

A Graça gemeu, ao passo que dava meia volta ao busto e passava as mãos nas faces, como a coçar.

-- Tragam um pratinho, azeite, água benta e duas velas! - pediu a benzedeira e, logo, voltando-se para a doente: -- Olha que tu não te podes rir. Tens que ter fé. Vamos atalhar o mal como deve ser e hás-de rezar comigo o que é dado. Ergue-te um pouco, vá!

Misturou a água benta com o azeite num prato de esmalte branco e ficou a observar a lenta dança das bolhas, com misteriosa lamúria. Acenderam-se as velas, e a chama frouxa pôs sombras doces nas angulosidades de um Cristo pendurado sobre a barra da cama. Minha tia e minha avó espiavam cada movimento da velha e apiedavam olhares nos santinhos da parede, que, não sendo muitos, resumiam a corte celestial. Haviam entrelaçado os terços nas mãos postas e regougavam um ensaio de ladainha:

-- Anjo da guarda, valei-nos!

-- Pst! -- fez a velha. Olhou para o céu até se lhe ver apenas o branco dos olhos e, depois, lentamente, levantou as mãos em jeito de profetiza. Benzeu-se com solenidade, beijou a unha do polegar direito, disse «amém Jesus», pegou no prato de esmalte com a mão esquerda, espalmou a mão direita e com o esqueleto dos dedos quase aflagava o inchaço de minha prima, para romper o silêncio funéreo na voz mais fanhosa que algum dia **acavalou palavras sobre a Terra:**

Pedro e Paulo vindo de Roma
a sê Senhor encontrou
sê Senhor lhes procurou
donde vindes Pedro e Paulo
nós Senhor vimos de Roma
de que morre por lá essa gente

morre do mal de empola
volta atrás Pedro e Paulo
todo o mal se atalhará
c'uma pinguinha de água benta
c'uma cordinha de esparjo
co'as rezas em louvor da Virgem Maria
Padre Nosso
Ave Maria
Salve Rainha.

Sacou da matrona um nico de corda enegrecida, desenhou três cruzeiras, aspergiu três vezes a «jarpela» e, após reza em coro do que preceituava o responso, recomendou borrifassem de vez em quando o inchaço com **água de borato morna**, para abrandar as comichões, e lavassem, com **água de malvas**, a boca, o nariz, os ouvidos, os olhos e as partes íntimas da doente.

-- Amanhã, cá me têm, à mesma hora, e depois de amanhã. Há-de abrandar, desde que a fé não esmoreça. Recebo o Senhor todos os dias, à missa das sete, a ver se a virtude não me falta. O que deixo feito não é bruxedo nenhum.

-- Come alguma coisinha, **tia Gertrudes**? – perguntou a Avó.

-- Não, filha; bem hajas. Há um migalho comi o caldo quente e ainda o sinto no bucho. Vou indo. Adeus e as melhoras.

- Então, amanhã, à mesma hora. Tenha paciência! -- rogou minha tia.

-- Pois, sim. Pois, sim. Temos que ser um prós outros. Adeus.

Ao fim de três rezas e mais dois dias, o inchaço abrandou e a tia Gertrudes recebeu três belos queijos amanteigados. Recebeu-os fazendo-se muito instada.

-- Mulher de virtude! -- comentavam a minha tia e a minha avó, perante o alívio da rapariga.

E o meu tio assegurava:

-- Quando for da matação, mandam-se-lhe uns lombinhos vãos.

Não sei se, na minha terra, ainda se trata a erisipela com o responso do «Pedro e Paulo». Não sei se ainda há mulheres de virtude como a tia Gertrudes. Mas sei que ninguém, neste mundo de Cristo, poderia convencer a minha gente de outra medicina de tanto proveito. A minha prima Graça vingou, sempre de frente para o trabalho e para a ralação dos filhos. A tia Gertrudes morreu e enfada-se no Céu por falta de serviço para as benzedeiras. Por cá, o povo andar­á mais esclarecido e, queira Deus, não menos puro.

LOBOS E BANDAS

Nasci no tempo em que ainda havia lobos na serra, mas lobos a valer, desses que trabalham como é dado e fazem pela vida. Uma certa manhã, nem passava das nove e meia, eu e o meu amigo Fernando demos com duas ovelhas mortas numa das curvas do **Mondeguinho**, uma por cima da estrada, outra da parte de baixo: ali estavam, ao sol, o pescoço enxameado de moscas a fartarem-se na carótida estroçalhada das vítimas. Logo chegou um pastor do Sabugueiro, carregado de peles. Deu-nos a salvação e desabafou:

-- Já encontrámos doze! Isto é que foi uma desgraça! Malvados!

Malvados, os lobos, porque fizeram obra de luxo numa noite de paz entre as estrelas? Lobo é assim: uma ternura natural, vive onde se lhe depara a janta.

Agora a ecologia é outra. Parece que os lobos não passam de mais uma informação turística da minha serra. Tempos vieram em que os pastores se cansaram de subir ladeiras e de migas de centeio com leite a inchar o bandulho. Despediram-se dos rebanhos, abalaram até à França, até à Alemanha, ganharam para uma casa de cimento e cores estrangeiras e voltaram para comprar umas courelas de ao pé da porta. Deixaram os pastos ermos, sem bicho que os tosasse. A lobagem, numa dieta de lagartixa miúda, mirrou e, antes que definhasse de vez, pegou roteiros de emigrante. Ai! lobo, lobo!, desandaste a tempo; qualquer dia, se te apanham em descuido, lá te metem numa jaula, à sombra do Poio do Judeu, com teu cio, teu coito e teus filhotes, a uns metros da estrada para espanto dos mirones.

Enquanto o pastor do Sabugueiro esfolava e ajuntava, o Fernando e eu assentámos filosofias numas **toças**, à sombra, e tomámos o pequeno-almoço de pão com chouriça e água fresca.

O meu amigo Fernando, que é de Santarém e passava as férias comigo e ama os morros onde me criei, não tem lamentações para jeremiar, o bastante, a escassez dos gados, o abastardamento dos cães, a murcha do cervum, a industrialização das queijeiras. Oficialmente, o Estado e as autarquias promovem uma operação de restauro da serra e pagam bom preço a preservar o que não tem preço.

Mas nem tudo se esvai nos meus lindos montes. Continuam as bandas, a música sonora que me nutriu a fantasia ao tempo em que a **tia Maria José** me empanturrava com generoso leite de sua mama, e ao tempo em que depois me fazia à batata cozida, aferventadinha, migada em aromas de azeite puro, e ao tempo em que cirandava com os da maltesaria até ao pego e corria à escola a agaçar as letras da boca do **professor Vicente**. Muita alegria me davam, todo o ano, a «Música Nova» e a «Música Velha» (em seus respectivos nomes de fidalguia: (Filarmonía Popular Manteiguense e Banda Boa União), alegria e sons que hei-de levar para a cova, feito menino mimado.

Já contam mais de cem anos as duas bandas: a «nova» corre agora os cento e dezasseis; anda a «velha» nos cento e vinte e oito. Mais de um século sem parar de solfa para gerações de humanos, a passear «ordinários» pela vila, a rouquejar missas e latim pelas festas, a coser rapsódias nos arraiais, a estrear fardamentos, a curricular lendas e heroicidades de nomeada: **os Senas, o António Caixeiro, o Misagras, os duelos do Jonja e do Polainas no bombo, do Carapanta e do Amaral a seguirem as proezas do Zé Pico** (quando arrumava os beijos no cornetim, a **esguichar notas**, até os coelhos bailavam na Canada!). E as nobres figuras **dos mestres**? Acima de todos, que me lembrem, **Padre Parente, Porfírio Jorge, os irmãos Marcos...**

Sempre Manteigas foi terra de estreita chegada e sem saída. Vivia de quem lá vivia; quem a visitasse, por onde entrava saía, salvo raras exceções, até que rasgaram as estradas para as Penhas Douradas e Penhas da Saúde. Vila de foro antigo que Sancho I assinou, casa de humildes, em suas humildades criou grandezas. Se a natureza a não abria aos de fora, a música lhe pregoava a fama. As bandas acudiam a tudo quanto era festa **por esses pés de serra**, esmerando-se na arte dos anjos e no tinto das pipas.

Estou que a arte dos anjos tem maior espontaneidade nesses povos de vida rude. Bom exemplo me parece o **do padre Oliveira**, pastor de um povo de Deus esquecido em declive soalheiro e alto -- Verdelhos --; aquilo nem para degredo, só cascalho. Pois até em Verdelhos nasceu uma banda por milagre do padre Oliveira. De uma vez que o gordo clérigo, sob o pálio, presidia à procissão de Santa Eufémia, em Sameiro, e a banda de Verdelhos engonçava o rabo do cortejo, parou a exclamar:

-- Ouviram o si bemol do bombardino? Um primor! Há por aí muito fanfarrão que não é capaz de o dar. -- O padre Oliveira era de Manteigas; levava na mão o santo lenho e a banda de Verdelhos no coração.

Veio a rádio com seus rocks, a televisão com suas telenovelas... Por que tocam ainda a «Música Velha» e a «Música Nova»? Que prodígio é esse de os catraios irem até à sala do ensaio, noites de caramelo, serões a convidar à moína, para se prenderem a umas colcheias, a tentar compassos com a trompa, o clarinete?... E sem subsídios!

Deixai passar as bandas da minha terra! Já festejaram reis e presidentes, baptizados e enterros, revoluções e revoluções! Já comoveram o Senhor do Calvário e a Senhora da Graça. Já regalaram muito lobo que, em noites de arraial, ouviu concertos no bairro de poios da Fraga da Cruz.

Deixai passar as bandas! E preparai um museu digno de sua vida, para expor a fotografia dos primeiros bigodes, a jaqueta dos primeiros fardamentos, o bocal das primeiras trompas, o

som do último coreto. Tereis aí algum rosto de uma serra que não acaba nunca de nascer.

NO ACAMPAMENTO DA ASE

Ao fundo da Ribeira, passeia o Zêzere as lavadas cantigas a caminho das Lameiras, a ver se alcança a mimosa bacia desafogada onde Manteigas é vila. Menino rústico mas limpo, passa o rio claro no jogo das escondidas com pedregulhos e calhaus, a borrifar juncos e giestas, a encharcar torrões tufados de erva grossa, a mandar crescer trutas e a aformoseá-las. Abriu caminho no fundo do vale glaciado, a ver alevantarem-se as lombas até os Covões, de um lado, e até ao Poio da Oliveirinha, do outro.

Encontram-se por ali uns exíguos chãos entre muros de granito, amanhados para o centeio ou as batatas que lhes semeiam. Nalguns deles semeou a Associação dos Amigos da Serra da Estrela (ASE) suas tendas de amor à serra, juntinho de uma corte acarinhada, os primeiros dias de Agosto. Gente de várias casas nacionais e estrangeiras pôs o mesmo calor nos mesmos ermos povoados do silêncio esplendoroso que nos cava, na alma, os mesmos caboucos de simplicidade que o Criador afeiçoou na montanha, e nos torna meninos a entrar no reino dos Céus...

De entre as várias iniciativas levadas a cabo (passeios, explorações, recolha de espécies botânicas e animais) uma houve que me chamou ao alvoroço da primeira infância: um concerto da Filarmónica Popular Manteiguense. Ah! Senhores, que anfiteatro, que acústica, que solene recolhimento das brisas e da bicheza montês, que liturgia!

Escarranchei-me em poio musguento, que senti mais fofo que um sofá da Gulbenkian, na macieza das sete da tarde, o sol a apurar uma poalha de ouro que vinha afagar os metais dos instrumentos. O mestre muito se aplicou na afinação dos naipes

sonoros, exigindo a perfeita consonância dos trombones com a requinta. Não teve o êxito pretendido, mas brindou-nos com um ramalhete de temas populares e temas diversos e a soberba dignidade de quem não sabe de Karajan(s) nem de Stravinski(s): apenas sabe que a beleza está dentro de nós e que a harmonia nunca é individual...

Comovi-me, senhores; eu comovi-me. Estava ali a Música Nova como podia estar a Música Velha (Banda Boa União -- Manteigas tem duas bandas centenárias! Estava ali o meu nascimento, os meus Natais e os Anos Bons e às aleluias de todas as Páscoas, os arraiais do Senhor do Calvário e da Senhora da Graça. Estava ali a minha memória do tio António Pai do Santo e de sua doideira pela música, a segui-la por todo o lado, a aclamá-la, sempre com vinho e génio.

A tarde atiçava-me na fogueira daquele som rústico, como rústica é a soberania do rio que passeia as lavadas cantigas a caminho das Lameiras, a ver se alcança a mimosa bacia desafogada onde Manteigas é vila.

Notei que faltaram as flautas. Por amor de Deus, arranjam as flautas! Nesses chãos vizinhos da vida **do Rapeninha**, que me ofereceu a primeira flauta de pastor, é preciso haver flautas, é urgente haver flautas. A minha serra quer flautas!

CIGANAGEM

Uma tarde de fins de Setembro, fui acompanhar um funeral ao cemitério de Almada. Que vista maravilhosa tem aquela terra dos que apagaram os seus olhos de carne! Estende-se o Tejo até à barra e, às vezes, brinca aos pôres--do-sol, de tal jeito que uma criatura tem sede de partir ao pôr-do-sol e pena de não poder fechar de todo os olhos de carne. Quando o acompanhamento se esfarrapava, tornou-se muito nítida uma voz rouca de homem lamentoso, um pouco mais à esquerda, por detrás dos jazigos, voz nascida de entranhas, que deixava passar toda uma sudação de alma. Teria garganta? Teria boca? Precitaria de respirar? Quem cantava assim num cemitério de fins de Setembro fundia-se com a miragem.

Fui ver. Sobre uma sepultura de terra batida, cobrindo-a por inteiro, tinha-se estendido um corpo de longo manto negro que apenas descobria o meio rosto direito. Era mulher. A voz é que era de homem. A mulher tinha voz de homem e, com uma ternura repassada de séculos, alheia ao afã dos que ajardinavam campas de família, deixava-se abater a toda a extensão da pouca terra inchada.

Do olho direito corria um manso fio de lágrimas. A mulher cantava toda a intimidade com o marido que ali jazia, num choro de tonalidades gregas, serpenteante, servindo à maravilha a lengalenga daquelas vidas, lá das masmorras do espírito, de tal forma vigoroso, de tal forma arranhado, que dir-se-ia um velho profeta em luta com a morte. E tive a impressão de que já não havia a terra da sepultura, mas apenas um colchão de maridos, gritando a maridos. O pranto da cigana, as lágrimas da cigana, as

vísceras da cigana, toda uma seiva humana ia rebentar e antes que emergisse o milagre rocambolésco de, ver abrir-se a terra para dar passagem a um novo lázaro pujante, deixei o cemitério. A torrente litânica, naquela voz rouca de gente-dolente-serpente-mordente, trazia-a agora, mais do que nos ouvidos, colada às costas, como se de música adesiva se tratasse.

A primeira vez que os vi, aos ciganos, tive medo. Mal apontaram na curva da estrada carroças atulhadas de trapos e caldeiros e meninos ranhosos, logo o Paiva bradou:

«Eh! malta, vamos a fugir: são ciganos!» Demos às de vi-la-diogo até umas escaleiras na quelha mais sossegada do Eirô. Aí, o Paiva, entendido: «Aquilo são o diabo, roubam tudo -- cavalos, galinhas, batatas e crianças --, espetam facas, mais encarvoados os bofes do que a pele das trombas...» Arrepiávamo-nos. «Donde vêm? Para onde vão? Tal e qual como o vento passam, ninguém sabe donde nem para onde...»

Paiva, amigo saudoso de uma infância reunida, agora sei eu mais um pouco. Leituras, são as leituras. Arrebanha outra vez a malta para as escaleiras da quelha mais sossegada do Eirô; é a minha vez de falar! Quem assim canta é a ciganagem; nunca o diabo, que esse não conhece música. Aqui te lembro o rifão, velhaco e justo, «à conta de ciganos todos furtamos»; justo, pois esta gente não furta mais do que nós (nem políticos, eles, benza-os Deus!) e velhaco, pois quer dar a entender que todo furto se esclarece em ciganice.

Aqui temos gente nómada, resquícios do Antigo Testamento, sémen de Pai Abraão, que muitas escravas desmamaram cruéis filhos de Deus, insubmissos a homens, para desassossegar mundos. Nem há hoje cantinho do planeta que não visitem. Saíram lá dos nortes da Índia, dizem que parentes dos Drávidas, divorciados da nédia família ariana, mas com língua ariana chegada ao sânscrito. Vêm atravessando os milénios, hebreus de outro Javé, numa diáspora antropológica sem

igual, escorraçados; porém, jamais parando de cantar e bailar. Lêem-te a sina como quem confronta a liberdade com a trapacidade e a magia; forjam-te a enxada, entretecem-te o canastrão, comerceiam cavalos ou trapagem de revenda. Não lhes dêes leira, que a não lavram; dá-lhes terreiro, que lindo bailam.

Com feios nomes os condenam quem os estranha: haramis (ladrões), os Árabes; pharaok nepek (povo do faraó), os Húngaros; gypsies (egípcios), os Ingleses; heidenen (idólatras), os Holandeses; tâtars (bárbaros), os Nórdicos -- uma ladainha de suspeitas. Vieram à Península desembarcados do Mediterrâneo e entraram em Portugal pelos portões do século XVI. A si mesmo se identificam como sinde (gente da Índia), manush (homem), calé (pele escura). Eles são os rom que a nós designam por «gajos». Gil Vicente os arremedou, em sua Farsa dos Ciganos, para que El-Rei Nosso Senhor Dom João o terceiro folgasse em a mui nobre cidade de Évora, o ano da graça de 1521.

Deixemo-los entrar, com seu Deus, que os faz nascer, os acasala e os recebe, à morte, em tenda feliz e eterna; com seus lamentos de fogo, que já inspiraram Liszt e Brahams, a Andaluzia do *cante hondo*, os requebros do fado; com seu desengano de povo entre povos a feirar enganoso, a frustrar-nos a consciência quando nos roubam o riso, a retratar o que já andámos. Abre-lhes a mão, não para que te recitem falácias venturosas, sim para que agentes o tição do olhar de uma qualquer *muy gitana y muy mona, mucho* do bom poeta Fernández de Moratín.

Ai!, Paiva amigo, diz à malta que não fuja. Se houveras comungado aquela música adesiva no cemitério de Almada, na doçura de uma tarde de fins de Setembro, havias de ir comigo, a dar-lhes o coração. Vêm de tão longe, vão para tão longe, nem se cansam, carroças atulhadas de trapos e caldeiros e meninos ranhosos, ciganagem! Irmãos!

KANT, MEU PAI E EU

Há caminhos que todos os dias percorremos e que nos fazem se os vivemos ou os sentimos. O mais das vezes deixamos acamados em feno de rotina, no celeiro do inconsciente, porque os temos à mesma hora e nos cruzamos com as mesmas pessoas e as mesmas coisas, pisando o mesmo relevo de chão. Mal nos desperta uma luz nova, um som estranho, um odor não reciclado. Amortalhamos distâncias na servidão de um rumo e acabamos por nos tomar fiéis (sem alternativa escravos) do caminho.

De Kant se diz de tal modo automatizou o caminho que os bons cidadãos de Conisberga aceitavam o relógio à sua passagem, em feia desconsideração pela torre da vetusta catedral. E, ao tempo que regulava as horas da cidade com sua figura de mirrado arcaboço, ia alevantando um dos corpos mais robustos do pensamento moderno, mas também dos mais ásperos: não se enxerga sopro de poesia na Crítica da Razão Pura, nem na Crítica da Razão Prática, nem nos maçudos parágrafos sem conto de silogismos de chumbo.

De meu pai sei que não era assim. Ainda me lembro de uns anos em que, **almotacel da levada da Lapa**, a administração das regas o chamava, quilómetros a meia ladeira, na frescura da manhã ou **na retouça do Sol por ardências estivais**. A levada da Lapa era peregrina de santuários de granito velho em trilhos de giesta, rosmaninho e basta erva humilde; debitava suas bênçãos de água aos mimos das courelas. Voltava a casa **o tio Zacarias** do sempre igual caminho, arrumava o sacho, lavava-se e, antes da ceia, contava histórias novas, perfumado dos finos aromas da serra como se a vida trouxesse em temperos de raras especiarias. Rezava também filosofias de sustância, todas por

contas de claridades poéticas, que seus aforismos lhos percebia transparentes como o leito da levada.

Estou certo de que nunca meu pai haveria de entender o Kant, por mais letras e mestres que digersse. Propendo a crer em que jamais Kant haveria de entender o meu pai, por mais levadas que lhe mostrassem. Kant viveu do que ensinou; o tio Zacarias ensinou do que viveu. Feito este pelos caminhos, aquele os percorria como se os não houvesse. Os caminhos de Kant eram um pensamento; os de meu pai eram vida: o pensamento é uma actividade do espírito; a vida é um milagre do amor.

Deslizei por declives de filósofo, a reclamar a excelência da poesia sobre conhecimento especulativo, porque hoje me surpreendi no sempre igual caminho de todas as manhãs. Abalou-me o forte cheiro de relva em um jardinzito ao pé da escola, formoso de sombra e do chilreio de crianças e pardais. Andavam no trato daquele arrumo botânico cortando, regando, com sossego de gestos quase respeitosos, cinco trabalhadores do Município.

A tal formosura de sombras e chilreios, que o tal jardinzito ao pé da escola sempre guarda, há muito a adormecera eu, autómato do «caminho-à-Kant». Agora me a esperava o carinho da «cultura», devolvendo ao olfacto o odor acre de erva ferida, à vista os contrastes de luz e sombra delicada, ao ouvido a música de pássaros e de meninos frescos. Senti-me vivo, súbito regressado ao rescendor do primeiro caldo-verde, ao deslumbre da primeira aula, ao suave canto do primeiro «a-e-i-o-u». Quando ressuscitamos, sempre se regressa ao primeiro de tudo; e o primeiro de tudo é inocência. Foi como se deixasse de haver rumo, pois o caminho deixou de ser eu e passei a ser eu o caminho que me fez. Saltei, para o dia, perfumado dos finos aromas do jardim matinal, como o tio Zacarias perfumado dos finos aromas da serra, a ilustrar aquela sageza de Menéndez

y Pelayo que diz: «Todo hombre tiene horas de niño, y desgraciado del que no las tenga.»

Hoje, escrevo do que vivi, tal como o meu pai ensinou do que viveu: por isso me entrego, feliz, ao milagre da vida. Terá sido feliz o concretíssimo Kant em seus alpinismos de pensamento? Terá conhecido ele suas «horas de menino», como eu e meu pai, sua consciente inocência?

Tomara que sim.

O SENHOR PROFESSOR VICENTE

Aí temos o Outubro a correr. Tomou assento na doçura da luz outoniça, comoveu-se com a mesma luz e chora já as primeiras águas. Mas corre, sempre corre, eterno menino que se faz à vida quando a meteorologia programa análises de frios e ventaneiras. Alheio à meteorologia, esfrega os olhos sonolentos, lava a cara, veste o bibe e, de sacola aos saltos pela manhã, vai desafiar os algarismos e as letras. Outubro é o senhor académico: abre as portas da escola e dá os bons-dias a todos os professores do nosso mundo.

Todos os outubros de minha vida são o meu primeiro alfabeto. E o meu primeiro alfabeto foi o senhor Professor Vicente, que ainda é professor (e será enquanto eu viver) porque o admiro. À recomendação de Séneca, escolhi para professor «aquele a quem» admiro. E todos os professores que alguma vez admirei passaram a ser o mesmo senhor Professor Vicente. Foram eles que, mais do que mobilizar-me a alma, me forjaram a mesma alma (e era o que bem queria Montaigne). Do santuário da alma os evoco em um só e mesmo senhor Professor Vicente.

A varinha de roseira, a varinha cheia de nós, sempre na mão, para dar na barriga das pernas dos catraios que trocassem o passo durante a formatura das manhãs de sábado! Em dois anos, a varinha de roseira cheia de nós apenas me tocou na barriga das pernas uma vez, e a medo. Não é que eu marchasse bem. É que eu amava as roseiras e tinha pena da varinha que já não dava rosas. Seria por isso? Seria? O professor Vicente, o

senhor Professor Vicente, foi quem me deu as primeiras letras, os primeiros algarismos e a primeira licença para ir «lá fora» e a primeira licença para ir ver o avião que roncava muito alto por cima dos montes e nos desassossejava na sala de aulas da minha vila funda da serra da Estrela. O professor Vicente, o senhor Professor Vicente, foi quem me passou para a 2ª classe e para a 3ª classe, ele e a tal varinha de roseira, cheia de nós, que tocou em mim, uma vez em dois anos, quase a medo, numa encantadora manhã de sol cheia de pássaros e de reflexos nas penedias da Fraga da Cruz.

Eu tinha muita pena daquela varinha descascada. Todos sabíamos que era de roseira. Mas eu sabia que já não podia dar rosas. Tinha pena da vara. Gostava muito do professor Vicente, do senhor Professor Vicente. Certo dia, ele teve de sair para fora. Para os Açores, talvez. Foi durante a guerra. Iam soldados para os Açores. O meu tio também foi soldado nos Açores. Quando o professor Vicente, o senhor Professor Vicente, foi para fora e eu tive de mudar para uma professora, parecia que a própria escola morreria. Apenas viviam as traquinices de um ou outro malandro e a saudade do professor Vicente, do senhor Professor Vicente. Esperei sempre que ele ainda voltasse a tempo de pegar outra vez na tal varinha e de nos olhar com reflexos de ternura eterna, que não cabe em todas as letras do alfabeto por melhor que eu as conjugue.

Voltou. Mas eu já não estava lá, na escola. Só pude novamente medir a grande, a nobre figura do professor Vicente, do senhor Professor Vicente, quando me deram a notícia da sua morte. Era então rapazola. Disseram-me: «Morreu.» Disseram-me ou escreveram-me: «Morreu.» Não tinha a idade madura que nos permite logo rezar ou chorar. Não rezei. Não chorei. Mas desde essa hora (e ainda hoje) ressoa, no fundo de mim, o som de uma vergastada de varinha de roseira seca -- já não dá rosas! -- e oiço, martelado, o sacratíssimo e tenro som da primeira aula do senhor Professor Vicente. Ele morreu. Quantos o lembrarão? A varinha ainda vive. Ai!, vive, essa varinha de roseira. Já não dá rosas!

Minha vida é uma cultura de memórias. Cuido um espaço para elas, dou-lhes pão, vejo-as crescer. Em cada instante procriam e se multiplicam na alegria espantosa da necessidade. As memórias tecem o tempo sem lhe delir o encanto, para lhe delir o pesar. Johann Paul Friedrich Richter escolheu, um dia, de seus idealismos meditados, este meu consolo: «A memória é o único paraíso de onde não podemos ser desterrados.» Bem hajás, bom romântico alemão, por me teres adivinhado há século e meio! Estou certo de que também tu, lá na neblinosa Germânia, em manhã de algum Outubro, te prendeste à paternal firmeza de um senhor Professor Vicente, e aquietavas o temperamento desassossegado na contemplação do «paraíso» em que eu o guardo. Ele é os meus bons pensamentos.

Também eu dei aulas. Pude saborear como são esquivos os prazeres de ensinar. Inventemos pedagogias, agigantemo-nos, quais Montessoris ou Freinets, perante uma tropa de alunos: se, ao erguerem os olhos, eles apenas virem apetrechos teóricos que ilustram os técnicos, não haverá mais que bocejos de alma. Se algum porventura me fixou e sentiu a vida, encontrou em mim o outro -- o sempre vivo senhor Professor Vicente --, o que sempre se identifica no ser e na perenidade do bem... para maior glória de Deus.

NATAL

Há grandes alegrias de pequeninos que prolongam a inocência. Alegrias e deslumbramentos. Para mim, a maior de todas e o maior de todos foram a alegria e o deslumbramento do presépio.

Começavam a arreganhar-se as penedias, enegreciam os cerros, encaramelavam poças e galhos orvalhados, agasalhavam-se de musgo os poios. A catraçada arrepelava folhas secas e chamiços, rapava silvas mortas e vides e acendia lumes pelas quelhas, a convidar à festa das braseiras.

Anunciava-se o Natal.

E quando, sobre o lado direito da igreja, adossada à porta do nascente, acordava a maravilha do nascimento de Jesus, lá se acendiam os olhos de todas as crianças e alumiavam, mais que sóis, esse Evangelho de ternura que o bom do tio João Bichas, todos os anos, edificava – o presépio.

Sempre em mim pespontavam uns borbotos de inveja: quem dera ser daquela família de encanto! Porque, se eu fosse o vendedor ambulante que se acocorava a adorar o Menino, haveria de balbuciar:

Ó meu Menino Jesus,
ó meu baguinho de arroz,
dou-Vos estes ovos frescos
que a minha galinha pôs.

Já nem se me dava de ser o burrinho, paciente e prestável, atento como a rouquejar:

Montai, fujaamos a trote

para as terras do Egipto!
Quer-Vos morto o rei Herodes,
Ó meu Menino bendito!

E havia também a estrela, o astro viageiro a puxar pelos magos e a poisar no colmo da choupana. Se estrela fora, assim entoara:

Eu sou a meiga estrelinha
que viu nascer a Jesus:
ia ficando ceguinha
de ver nascer tanta luz!

Mas o que sempre mais desejei foi ser anjo-músico daquele coro que enchia a igreja, subia às fragas da serra e cantava para todos os horizontes, alegrando pastores e doutores, pobres e nobres, soldados e generais:

«Glória a Deus nas alturas
e paz na terra aos homens!»

As voltas que a vida tem! Rolaram anos e é como se ontem fosse o primeiro dia do primeiro presépio: todos os natais me trazem o mesmo Menino e o mesmo pregão de Paz. Não a «paz como o mundo a dá», o mundo político, o mundo económico, o mundo classificado. Os homens desse mundo, como diria Tácito, «fazem um deserto e chamam-lhe paz». Tão-pouco me baste a paz da filosofia, que bem definiu São Tomás de Aquino como «a tranquilidade da ordem, principalmente da vontade».

É outra paz. É a paz d'O que Isaías chamou «Príncipe da Paz». É a Paz preexistente ao Universo, a Paz inciada, o Deus connosco. Porque os homens defendem uma paz coincidente com os seus bens e património e, por isso, inventaram a guerra. O coro dos anjos dá-nos a Paz que é o nosso Bem, irmã gémea de «glória a Deus», calor íntimo da Trindade Santíssima, a Paz

encarnada em Belém no desprendimento de todo o valor precí-
vel.

Que poesia e que fraternidade, o presépio nascido no
coração do poeta irmão Francisco de Assis, onde a Paz verda-
deira nos é dada e não tem fala que se lhe quadre: precisa da
música dos anjos! E quem me dera ser anjo-músico do coro da
Paz!

Por esse bem, fez-se peregrino da casa do Poverello o
Papa João Paulo II, com todo um clamor de almas a pedir (não
como o mundo pede) que Deus nos dê a Paz (não como o mun-
do a dá). Por esse bem percebido em todos os presépios de
todas as inocências, me conheço eu peregrino da casa do Pai
eterno e cidadão do outro mundo.

Porque, se eu fosse apenas cidadão deste mundo, teria a vida na
corda bamba dos tratados; ser-me-ia concedido gozar do equilí-
brio dos armamentos que as grandes potências equacionam em
cimeiras de rotina; confiaria na segurança do planeta até que
um louco supergovernante decida hiperbolizar as emoções de
Nero que pegou fogo a Roma; desejaria o bom sucesso do jogo
das geoestratégicas que sujeitam povos ditos «independentes».

Porque, se eu fosse apenas cidadão deste mundo, esta-
ria proibido de viver a alegria da esperança para além do
provisório, haveria de retirar o Menino Jesus do presépio reclí-
ná-lo sobre um monte de panfletos da luta de classes. Meu
Menino Jesus que a mesma luta de classes há-de imolar, derro-
tando-se! Meu Menino Jesus que vem para lhe rezemos:
«Cordeiro de Deus que tirais o pecado Mundo, dai-nos a Paz!»
Meu Menino Jesus do outro mundo!

PAIXÃO

E éramos nós que O aclamávamos, Domingo de Ramos. Algum trabalho nos trazia, trabalho e providência e festa, pois bom era que a tempo se esgalhassem oliveiras, louros e alecrins para o enchumaço vegetal. Igreja num rescendor de planta ferida, benzia o padre a flora litúrgica e enchia a procissão com hossanas Filio David. Guardava-se em casa a ramaria benta, que as avós queimavam quando o céu trovejante relampejasse lume, na reza de «santa Bárbara bendita que no céu stais inscrita cum raminho d'água benta...».

E éramos nós que O matávamos (em latim, meu Deus!), quarta/quinta/sexta-feira santas, e O enterrávamos, sábado santo, com um entusiasmo cru, uma compunção de carrasco embevecido. Alinhavam os sacerdotes em filas de cinco ou seis, frente a frente salmodiando, lamentando, responsando, até que, ao apagar das luzes, rompia o nosso concerto de relas e matrículas, para que fosse mais verdadeiro o crime no ofício de trevas. E o enterro do Senhor, o sermão do Encontro, enquanto a vila se telhava de pardas nuvens, como os ilustrávamos, turba móvel de rouquejos assanhados por sinédrios de Anás e Caifás! Deixávamos a Pilatos a cobardia do *jus romanum*, a ele que manchava o nome em água de lavar mãos; a Herodes, a lascívia e a curiosidade; a Judas, o lirismo de figo lampo no baloiçar da forca; a Barrabás, o mundo livre; a Pedro, a lágrima do perdão; a Cireneu, o oportunismo de quem passa; à Verónica, o autógrafo de sangue; a Nicodemos e a José de Arimateia, a amizade e a discrição política; a Maria, seu filho João; a João, sua mãe Maria. Os santos cobriam-se de vergonha nos altares, apagava-se a lamparina de azeite porque o Santíssimo deixava o templo em desolação. Fenecia a música: apenas o ranger do soalho à

passada lôbrega de quem ruminava vias-sacras, como se uma alma de chumbo oprimisse espaço e tempo para o drama de Cristo e seus trabalhos de redenção. No lar, pais e avós, num besourar de bordão (todos, sempre, num besourar de bordão!), entoavam «Quinta-feira de endoenças» ou «Bendita seja a Paixão do Redentor» e eu desandava a espojar no colchão de palha centeia minhas fadigas de O aclamar e de O matar em pouco mais de cinco dias -- aplausos, vociferações, choro, risotas...

Rolam os anos, deslumbra-se a mente, leio o poeta Isaías e os pungentes oráculos do Servo de Javé, entendo o latim, embrenho-me em autópsias de exegese e, quase sem dar por isso, ao tempo que afundo teologias de pecado e anseio por cilícios e jejuns, vou deixando de ser eu quem O mata, de ser eu quem O aclama: passam a ser os outros que me aclamam, os outros que me matam. A Paixão de Cristo torna-se agora minha paixão, de sorte que já não é Sua dor que redime e sim meu platonismo que merece. No «configurar-me com Cristo» (à recomendação de São Paulo) se insinua a nobreza social de configurar Cristo conosco (à recomendação de Marx).

Quando se perde a inocência, não é possível nem aclamar nem matar nem ressuscitar. Por isso, urge continuemos a ser nós a matá-IO, a aclamá-IO; quando não, jamais seremos remidos e muito menos poderemos remir seja quem for, seja o que for: tão-só actualizamos o orgulho original e a diáspora do éden.

Não foi em vão que o Sofredor pregou: «Deixai vir a Mim as criancinhas... bem-aventurados os simples, os mansos, os puros, os que sofrem.» Estou a ouvi-IO, em Seus clamores sangrados do alto da cruz, uma doçura de olhos sobre capitalismo e socialismo de nossas redenções: «Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!»

Eis por que volto a ser criança, a aclamar e a matar: assim O mantenho vivo, dentro de mim, para meus irmãos. As crianças nunca deixam de esperar aleluias. Em minha piedade cruenta não havia lugar para morte definitiva.

A Paixão de Cristo é a vida de outro mundo!

CONTOS

JOÃO TINÓ

Escarranchado no poial da ponte, malucava **João Tinó**. Ouviram-se três assobios.

-- Aquilo é um melro! -- pulou para a estrada, agarrou quatro pedras e pôs-se a espiar os pinhos; acabou por arrumá-las no poço do ribeiro e subiu pela Vereda em cantarolas.

Tomara a sua decisão. Não mais Fondevila. Não mais as moscas da Barreira ou o saltinvão **na quelha do Lucas**. A sua casa trazia sempre, por todos os cantos, um cheiro a queijo de cabras que se entranhava até no fato de ir à missa. E o pai a mandá-lo ao mato, à malhada, **ao feno às Candieiras** e a cascar-lhe tareias, a listrá-lo de vergões com o cinturão.

-- Pra galego é que eu não nasci! Qualquer dia atrelam-me ao arado como a um boi!

Acabava-se a vida azeda: tinha quinze anos e queria ganhar dinheiro.

O sol das onze enchia-o de sede e mordia-lhe no bucho qualquer ponta de desejo que nem era fome nem calacice. Agatanhou pela pereira do Registo e comeu até estragar, com uma satisfação de fartura que mais o punha estouvado na liberdade escolhida ao fugir dos pais.

Iria ter com o senhor Torres, a saber se o queria para criado e se o levava para o Alentejo, onde a terra é milagrosa e não há pedras nem cerros de estafar os ossos. Havia duas noites que sonhava com **o senhor Torres** e via-o sempre muito gordo, muito corado, ao lado da esposa muito pintada e muito sorridente, na confusão do adro de Santa Maria **a encarecer os tabuleiros das ofertas do Senhor do Calvário**. Quando pagava, ripava dum magote de notas que até luziam os olhos das pessoas. E era com que assuntava as conversas da maltesaria.

O céu teimava em encarvoar-se, prenhe da ameaça duma trovoada que o deixava eléctrico.

Calcorreara por ali aqueles poios, assomara ao **Fragão do Corvo** a enxergar a vila e passara em revista todos os chalés de roda da estrada; **do cimo da Pedra da Águia**, quedou-se bem meia-hora, volto para a lagoa do Vale de Rossim, enganado na música das máquinas das obras.

Agora era a fome, uma fraqueira de pernas, um turvar de vista, um suor quase frio na testa, um ai de saudade da família, pelo não, voltou à porta do senhor Torres, àquele casarão branco que se avistava tão bem lá de baixo.

-- Ei! -- bradou à criada que aparecia a um canto do jardim --, guarde lá o cão vossemecê, que eu tenho medo! -- e aproximou-se da cancela.

-- Que é que tu queres?

-- Sabe-me dizer se o senhor Torres já veio?

O senhor Torres só vem amanhã à tardinha; foram ali **para Trás-de-Serra** e aquilo é volta larga. Querias-lhe alguma coisa?

João Tinó ficou muito triste: -- queria!

-- Estás triste e mal encarado...

-- Tenho uma fome...

A criada trouxe dos restos da ceia e animou-o.

-- Volta cá amanhã. Parece que te estou a conhecer: tu dás ares ao **tio Ricardo Luxo** que anda por aí, todos os dias, com um macho e traz o correio!...

-- Não, senhora; eu sou do **tio João Courela** e da **tia Lurdes Veiga**.

-- Sei lá bem! Não faço ideia.

A criada era uma dessas mulheres redondas e rabudas de meia idade, um franco jeito maternal no ar observador. Examinou a blusa, as botas chapeadas de tombas e as calças do rapaz, o desalinho do cabelo revoltado e o desembaraço ladino dos gestos.

-- Olha lá, tu fugiste de casa?

-- Eu? - João Tinó embatucou. Abocanhando o arroz e o trigo, olhava, ao longe, o torreão de São Lourenço a amadorrar na quase escuridão do anoitecer. Começava a agradar-lhe o perfume do jardim.

-- Toma! Mete estes pêssegos no bolso! -- confortava-o a mulher.

Sorriu, consolado, disse «bem-haja» e abalou. Esgalhou um ramo verde de pinho manso, cheirou-o um ror de vezes, bebeu na fonte e não tardou a acomodar-se debaixo duma varanda larga.

-- Seja o que Deus quiser! Amanhã, talvez ande com mais sorte!

A noite fechava-se, abafada e negra. Apunhalou-o um susto. Um cão uivava **no Vale das Éguas**. Sentiu o pavor da trovoadas mas adormeceu.

João Tinó havia de acordar, noite velha, alagado em suores e lágrimas e o corpo moído. Era como se andassem a rebentar pedras no céu, um tombar de barulhos, assim, tão grande e desconjuntado.

-- Ainda uivam os cães!...

Um clarão alumiu os morros e fê-lo enroscar-se contra a parede, tapar os olhos e os ouvidos, sem remédio. O trovão ribombava cada vez mais forte e mais longo e o clarão sempre mais vivo, um clarão da cor do enxofre, como lua-monstro que estourasse para matar, e arrepelava-lhe a alma um remorso picado como galho de espinheiro. Arrepiava-se à espera de toda a serra se escangalhar e tudo se abrir em inferno, em grande poça de azeite a ferver mexida e remexida por um entrudo de mafaricos magros, negros e luzidios que nem tição regado. E mais suou e mais chorou, enquanto se despejava primeiro uma saraiada e depois uns cordões de chuva a estalar nas tábuas da varanda, até restar apenas o uivo dos cães, como único destroço de catástrofe.

Sobre a madrugada, João Tinó adormeceu novamente, aos soluços, todo molhado por dentro das ceroulas e ainda enroscado contra a parede, tapados os olhos e os ouvidos. Mal

houve tempo para amornar o frio da consciência e pouco demorou o sossego, que logo o abalou um pontapé e pôde adivinhar, entre dois sopapos, o arcaboço do pai, ensopadinho até aos ossos, que o levou para casa.

-- Malandro! Vadio! -- e tocava-o com sermões e fúrias.

João Tinó não disse uma palavra, não soltou um gemido, não enterrou um sonho; embezerrou.

-- Agora tenho de aguentar até entrar nas sortes e deixava-se arrastar como uma coisa.

MEXERICO

-- Ó Ana, sabes uma coisa?

-- Que é?

-- Então não queres ver que a Lúcia...

-- Ahn?...

Ana parou a agulha. A Lúcia, aquela delambida que lhe roubara os sonhos a fazer olhinhos ao Ricardo, a espenujar-se... A Lúcia! A Lúcia!

-- Só isto: viram-na, sozinha, no carro com o Albino Rosa e já falam que vai para a fábrica.

-- Aonde é que a viram?

-- Para baixo de Sameiro, imagina!

-- Bem feita! Estou mesmo a ver que, mais dia menos dia, começa para aí a inchar, a inchar como um balão até despejar um filho... Ai! Deus queira!

Houve um silêncio. Na pequena oficina, apenas a chapa do sol vazada do caixilho da janela de um zumbido de mosca nova amanhecendo por cima das cabeças das duas cosatureiras. Lá fora passava um pastor a descarregar o catarro; bem almoçado, o peixeiro atroava o Eirô com os pregões do «carapau fresco».

Ana perguntou:

-- Olha lá: e quem foi que a viu?

-- Não sei; anda para aí tudo cheio. Mas não digas nada que eu não me quero ver em sarilhos. Sabes muito que não sou amiga de me meter na vida das outras pessoas.

-- Aquilo já se esperava, menina. E então o Albino Rosa... por lá lhe abriu a carteira, o safado, e nem procurou cama. Eu sempre disse...

--Um leve cheiro a panos. As linhas desenhavam fantasias no soalho. As duas costureiras, em silêncio coraram pelo assunto do cavaqueio. No piso do primeiro andar, rangiam os passos do alfaiate, anunciando a sua vinda dentro de minutos. Pela rua, passeava a cantilena do rego de água direito aos

feijões do quintal do senhor vigário. Os sinos de São Pedro badalaram à Missa.

-- Deve **ser o padre Seco**. Nunca tem horas! Sempre me saiu um finório! - murmurou Ana.

-- Cala-te criatura, credo! Estás sempre a pecar e para isso és catequista!

-- Olha a santinha!

Adivinhava-se o calor duma dessas torreiras concentradas nos quatro muros de montes que cavam a bacia do Zêzere. Pelo ar ficava a nostalgia dos sinos e um nascer de sono que dava uma paz de novena à meia sombra do aposento. Por cima, de novo rangiam os passos e percebia-se a voz do alfaiate a repreender os filhos.

-- Ó Ana, tu não gostas da Lúcia, pois não?

-- Nem pouco nem muito!

-- Foi por causa do Ricardo?

-- Hum! Gostos são gostos... Não tinha nada que se meter na minha vida que nunca para isso foi chamada. E depois, aquele luxo, aquele saracoteio, aquele riso deslavado e aquele enchumaço de mamas... que vergonha! Talvez lhe falem no corpo as tareias que meu pai me deu! Dá tempo ao tempo que ainda me hei-de rir... **Os rapazes são uns palonços**, cada vez mais uns palonços e já não olham às boas qualidades!

O alfaiate desceu as escadas e entrou.

-- Bom dia!

-- Bom dia, senhor Mário!

As duas raparigas olharam-no com discrição mas perscrutadoras. O senhor Mário era um homem de respeito, irmão do padre Luís André, director espiritual dum Seminário das Missões, atrelado às devoções da mulher, zeladora do altar da milagrosa Virgem Santa Inês, e tinha sempre a espada da moral bem cortante na ponta da língua. Às vezes, arengava que nem o vigário às práticas do Evangelho. Arrumou-se à banca a rascar e a cortar, a fita métrica pendente do pescoço como as estolas sacerdotais nos sermões. Às duas costureiras pareceu prudente desviar a conversa.

-- Está melhor dos seus dentes? -- quis saber **Amélia**.

-- Que remédio! Com tanto que fazer não há vagar para lamúrias. Vamos lá: **é dar à unha e pouca trela!** Já diziam os antigos: **guarda que comer, não guardes que fazer!** Para mais pressa, a estas horas, ainda não me apareceu a **Lúcia**... Lá para Quinta-feira temos serão, pela certa. Que é feito de **Lúcia**?

-- A **Lúcia**? -- **Ana** sorriu com desfaçatez e **Amélia** fez-lhe sinal para calar o bico.

-- Estará doente?

Ana insinuou:

-- Anda a arranjar emprego, talvez... A **Lúcia** fia mais fino...

-- Temos conversas estragadas, estou a ver!

O alfaiate, a testa franzida, tentou assobiar, mas Ana retiniu uma gargalhada tão alta, tão gozada e tão atrevida que o pobre homem não pôde conter-se e berrou:

-- Vamos a acabar com a história! O que se passa?

Calaram-se as duas, agulha pica-que-pica no pano e a mosca no zumbidoiro sem destino. Amordaçado pelo mexerico, agravou a zanga o alfaiate, cioso de autoridade, bramando mais forte:

-- Desembuchem! -- e cravou os punhos na mesa.

-- Credo! não é preciso tanto! -- e Ana sentenciou, num sacudir de cabelos, sem parar de coser, melando as palavras cínica:

-- Dona **Lúcia** vai ter um filho do senhor Albino Rosa, manda ao diabo o dedal e a agulha e toma assento de guarda-livros no escritório da **fábrica do Picoto!**

O senhor Mário deixou tombar a tesoura, sentindo vertigem nos miolos e um fervedoiro sobre a vista, e cair na cadeira de palha desapoiado, estarrecido.

Nenhuma das amigas esperava tal desastre, mas Ana macaqueou uma careta enquanto **Amélia** levantava as mãos às fontes. Olharam-se depois lentamente e o trabalho recomeçou em mudez forçada por mais de meia hora até que, no portal, se recortou a formosa silhueta de **Lúcia**, toda alegria na saudação:

-- Bom dia!

Os olhos do alfaiate alagaram-se de vermelho:

-- Em minha casa nem mais um minuto! Ponha-se no olho da rua e já! Isto aqui não é oficina de porcas!

--Mas o que foi que eu fiz? -- estranhou Lúcia, a enervar-se.

Interveio Ana, consciente de vingança:

-- Olhem que descaramento, hein? Vai perguntá-lo ao teu amante, ao senhor Albino Rosa...

O vigoroso braço do senhor Mário estava firme no gesto de expulsão. Lúcia teve um abalo nas pernas, bolhas de água nos olhos e correu espavorida para casa.

Na oficina, agora, havia o riso pardo de Ana e a ladainha de resmungos do alfaiate a deitar contas à sina, martirizado, incontrolado, faticamente, na agonia daquela hora.

-- Já não há moral nem temor de Deus! Virgem Santíssima, é o fim do mundo! Que hei-de eu fazer, que hei-de eu fazer?

Ana e Amélia viram-no enxugar o suor da testa com um aseado lenço colorido e pressentiam um daqueles sermões que o punham branco e salivado nos cantos da boca... Viria toda uma enxurrada de máximas de doutrina ilustradas com os exemplos irrepreensíveis de sua vida honrada. Mal tardou porém que a oficina se não entulhasse de pragas nas imprecações da mãe e duma tia de Lúcia. Todo o mulhierio despeçou da quelha do forno, atravancando a entrada, e havia quem incitasse à bulha e havia quem recomendasse moderação.

-- Coisas da mocidade! -- comentava-se.

O que foi, o que não foi, ao cabo de uns minutos e no rabo do ajuntamento era fé que o alfaiate estava com ataques.

Apareceu também o irmão de Lúcia, entoureado e rude, aos safanões, abrindo caminho. E o silêncio fartou-se da sua presença e das poucas palavras que lhe rebentaram:

-- Eu só quero saber o que é que a minha irmã te deve!

Ana já não achou tempo para um gesto. Sentiu-se como pêndulo de relógio para cá e para lá, as bochechas a assar de

bofetões, e julgou que, aos arrepios, as mulheres a entorpeciam até os olhos e a alma se perderem.

A Guarda Republicana veio a tempo para repor tudo no seu lugar: o rapaz na cadeia e Ana **no Hospital da Misericórdia**.

Por muito tempo ainda, na oficina, a mosca zumbiu liricamente.

Ninguém provou a fornicação de Lúcia, mas o senhor Mário persistiu em salvaguardar a castidade da sua alfaiataria e encomendou uma missa em desagravo.

POR COISA TÃO POUCA

-- O dianho do cão vai hoje assustadiço! Hum! Alguma desgraça... Anda cá, **Russo, meu esparvoado! Nem que visses podenga delambida, lambão!**

Zé Vigas assentou duas cachaçadas brutas no animal que se torceu de carinhos a roçar-lhe a pelagem nos safões. Pelo corpo do Russo passava um tremor, como corrente eléctrica a enervá-lo em desassossego. Vezes sem conto haviam palmilhado aquele **trilho das Lameiras**, jamais um susto assim tomara as coisas e o pastor esparecia apreensões, trauteando, ao calhas, um i-ó-ai empecilhado nos caroços do pigarro.

-- Agora o que faltava era eu ter medo, **forte cagarela!** Está bem! Toma cá, Russo!

Sacou pão e queijo do alforge. Mimoseou o bicho e ele mesmo foi mascando, lentamente, a cortar com a bela navalha de meia lua.

Dez horas da noite, naquele fim de Maio a aquecer. Sem esforço, navegava o luar pelo céu azul, calado que nem sonho de anjo. Os pinhos trepavam até **o Cerro da Coruja**, a ba-loiçar intrigas ao vento ronzeiro que não se ouvia. Além, o negrume **dos Covões** a atormentar estrelas ensonadas.

-- Quando é que a floresta rompe com a estrada pra diante? Lá os senhores engenheiros pensavam que isto de fragas era como o barro da louça. Estão muito enganados.

Para trás, **o Poio da Oliveirinha** a espiar o vale e bem espetado na lombá. Nem ralo, sapo ou perdigoto seroeiro quebravam o silêncio; apenas o rio a escabrear nas pedras alvacentas, em melopeia calma. Mas o cão ia inquieto, isso não deixava dúvida.

-- Pra que vou eu agora a moer-me com o cão? Ora, cães são cães! Já mamaste pão e queijo, que mais queres tu, calaceiro? Ala! tenho pressa!

Caminhava certo no terran-terran das botas sobre o cascalho. Rosmaninho florido, giesta, sargaço e urgueira tenra deixavam um perfume novo a cada pisadela. Deitou o rabo do olho ao pão do Grilo.

- Bem nascido, benza-o Deus! Se eu tiver sorte, este ano, com as Candieirinhas, vai ser malha de mil demontres. Arrota, Zé Vigas! Aquilo não é obra pra menos dum almude e dois capados. Antes assim!, o ano passado foi uma pobreza na Serra de Baixo!

Três pulos e três ladros, ficou-se o Russo de orelhas guichas e rabo alçado, rom-rom...

-- Mal empregadas migas! Não era nada mau, um coelho!

Chegara ao Apertado. Passava pelo poço da Lapa do Canilho. Oh!, tardes de Agosto, quando, catraio, se juntava por ali com a malta a nadar. À pai-adão e a secar ao sol no meio buraco de dois poios, era um regalo ver os mais espigados já com penugem e a entesarem-se todos. Caramba! Rijas palmadas nos assentos ou puxões de gosto! O Rodes contava coisas do arco-da-velha. Na boca, uma saliva morna. Depois, ficava-se com pele de galinha e o riscado das ceroulas a fazer cócegas. Cabelo de ver lobo era o alarme do pai:

-- Tu cuidas que a vida é só moína? Ou tomas tento no serviço ou o corpo é que o paga! Olha o corrêcio, hein!

Parvoeiras de fedelho. O que lá vai lá vai. Agora, o rebanho, a casa, a mulher: trabalhos de moiro, madrugadas de caramelo.

-- Raio de vida!

A vida do pastor não passava disto: tempos e tempos a tocar ovelhas -- a gente toma-lhes amor, mas é o mesmo! --; barrigadas de água fria por fontes da serra até ouvir o bandulho a chocalhar para esmoer quilos de centeio espapaçado em leite; o sobressalto da lobagem; a enxada a morder nas mãos calosas

para não faltarem batatas no sobrado nem mimos nas courelas do Zorrão e as costas a ranger e a alombar **com toradas de lenha** e **carregos de malhada**.

-- Raio de vida!

Depois, para além das botas e daquela maranha de saragoça que o entrouxava dos pés à cabeça, era amargar a neve e a torreira e não sonhar brasis. Assim ele andava da cor do tomate.

-- Dizem que é dos ares, que dá saúde! Raio de vida! Ainda se ao menos pudesse ajuntar pra comprar a burra à **Zefa Estrelada!**... E haver por aí, como há, **tantos Mascarenhas** e **tantos Relas** a gozar a prima com um engenho cheio de máquinas e reparigas, malandros! E o senhor **Rolão Alfaia** a rasourar contos de reis aos alqueires e a encher-se de prédios e a plantar vinhas. Toca mais obras do que a Câmara. Ao menos, vai dando trabalho e não poupa esmolos; só se de todo não pode é que não ajuda. Assim Deus lhe acode que até parece milagre! Também, só na vila, já tem ele mais afilhados que dentes na boca. Uns com muito, outros com pouco! Raio de vida!

Assentou-se um migalho a embrulhar cigarro gordo e pensou na Palmira. Na pujança dos trinta e cinco anos, sempre que lhe aconteciam as retóricas do fado, das agruras da lida, saltava-lhe na ideia a Palmira.

-- Não lhe falta nada, louvado seja Deus; aquilo é um asseio de mulher, poupada e decidida. Um corpinho pra o trabalho e pra a cama que é uma doudeira! Boas arrelias me custou à bruxa da minha sogra -- no céu esteja! -- mas valeu a pena, que, sem Palmira...

Assim lha cobijavam tanto. Mas fiel, ai isso!, fiel que nem os sinos da torre de Santa Maria às trindades. E é que nem medo de dormir, sozinha, na corte, **pelo ermo da Ribeira**. Ordenhava o gado, apartado os cabritos e acomodava tudo no curral mais ligeira que muito farranfa, nascido e criado nessas tarefas. Àquela hora, dormiria talvez. Não contava com ele. Mas precisavam de adiantar os queijos e a ver se estancavam uma presa na tapada.

-- Faço tenção de botar aqui umas batatitas pra o ano. Nem tudo hão-de ser tristezas...

O ar ia-se tornando mais fino. O terran-terran dos passos destoava quase lóbrego na calma da noite. Uma palpitação forte.

- Eh!, c'um raio!, a serra mete respeito - Pai nosso...

Estava a chegar. A corte via-se, lá em baixo, arrimada ao poio da parede fundeira. Ainda luz.

-- Por lá a arrumar a palha. Pra aquela criatura nunca está nada como deve ser. Que feitio! Onde se terá metido o Russo?

Outra palpitação mais forte. Rumor de bicho aguçou-lhe o olho.

-- Ah! mariola, aproveitas? Então era por isso que vinhas alvoraçado. Os animais são como a gente, é quando lhes apetece...

Sentiu um formigueiro a subir-lhe nas pernas. Adiantou o passo à certeza de que seria bom rebolar com a **Palmira** na quentura do feno.

Outra palpitação mais forte.

-- De quem será a cadela?

Voltou atrás e afirmou-se. **Era a do Binoco, o latagão** vindo das sortes que andava por ali havia uns quinze dias.

-- Mau! Queres ver que o gajo...

Uma onda de qualquer coisa na cabeça e outra palpitação ainda como um estouro. Acercou-se depressa, mas sem barulho. Pareceu-lhe ouvir rir. O coração era um cavalo. Precisava espreitar.

-- **Com termos**, não vás estragar tudo!...

A vista tremia-lhe e um suor de gelo saltava de todo o corpo. Ia subir ao janelo. Desprenderam-se as mãos e **catrapós!**, no terreiro.

-- **Ah! catano!**

Voou dum pincho, no encaço de alguém que se esgueirava pela porta. Ia cego.

-- **Deixa, cabrão, que eu te arranjo.** Não me escapas!

Tropeção numa pedra e foi o outro cair, de borco, para o lameiro de baixo, afocinando na terra encharcada.

Não teve tempo de se levantar. Em menos dum ai, Zé Vigas esmagou-lhe os costados com uma tossa de arroba.

Esguichos de sangue e tudo se foi num urro cavo. Estava morto o Binoco.

Zé Vigas sentiu o peso da serra e julgou que não arredaria dali, toda a noite, especado como espantalho de vigia ao renovo. Tremia como uma criança.

Ouviu-se um grito agudo a correr para a vila e o cão a uivar.

-- Puta, que me desgraças! - mas já não teve alma de correr a atalhar Palmira.

Ao outro dia, confessou no posto da guarda:

-- Sim, fui eu que o matei por causa daquela reles; Deus queira que nunca me arrependa!

E o cabo só lhe disse:

-- Por coisa tão pouca, homem, se era preciso fazer o que fizeste!...

Zé Vigas ainda tremia como uma criança!

FLORES PARA MARIA

O Zé da Vicência era um rapaz trabalhador e ordeiro, amigo do seu amigo e capaz de despir a camisa do corpo para a dar a um pobre mais pobre do que ele. Naquela noite quase chuvosa de Julho, correu à porta dos pais. Eram quatro horas e meia da madrugada; acabava de as dar a torre de Santa Maria, mas ele não as ouviu. Atacou a porta com cinco palmadas que alarmaram a casa toda.

--Ah!, és tu? Alguma novidade? -- acudiu o pai.

-- A mãe que se levante! Morreu a Maria --; as lágrimas nasciam-lhe nos olhos grandes. Voltou para casa, e em breve o acompanhavam pai, mãe e duas irmãs.

No quarto, o candeeiro de petróleo alumia a cama de ferro em que esperneava e chorava um menino de três meses e Maria, meia reclinada, pendia a cabeça para o lado direito, olhos abertos num brilho parado, lábios como a conter a aflição de um grito de adeus.

A mãe foi certificar-se do gelo do corpo de Maria, disse -- está morta! --, fechou-lhe os olhos e entregou a criança à rapariga mais velha.

-- Vai-te daqui com o menino e cuida dele! E tu, filho, acomoda-te! A nossa obrigação, agora, é encomendar-lhe a alma. Pai nosso...

A outra irmã do Zé da Vicência abalou a avisar os pais de Maria e, enquanto a mulher tratava de ajeitar a morta sobre a cama, o tio António sentava-se numa arca, ao lado do filho, abraçava-o brandamente e proferia com uma ternura que não conhece sentimentalismos, como quem recita uma ladainha em paz:

-- Não te aflijas! Ela está no céu. Quem cá fica há-de se criar. Eu trato das papeladas.

As lágrimas voltavam a nascer nos olhos grandes do Zé da Vicência. E, quando o silêncio se concentrou na azáfama da velha a remexer em roupas, o pobre rapaz, como que entumescido de angústias, rompeu num desabafo gelado.

-- Fiz o que pude. Estas coisas não se adivinham. Cheguei a casa passado da uma. Vinha do trabalho. Fui ganhar para a consulta ao senhor doutor Guedes. O senhor doutor Guedes leva vinte escudos da consulta. Já passado da uma, arrumei o sacho e a lanterna na loja e corri ao quarto, que o meu pensar estava aqui. Ó pai, ela estava ainda acordada, a fazer meia e com aquela cara de santa muito magrinha e esverdinhada fita em mim, contente de me ver.

-- Estás melhor, Maria?

Disse que um pouco melhor, que já não sentia tanto as dores como de agulhas que se espetavam ao fundo da cabeça, por cima do pescoço, e que lhe acalmavam as agonias, com menos calores. O menino acordou e a Maria deu-lhe a mama. E eu moidinho de todo. Levei o dia a puxar pelo malho, mal jantei, e logo, mais quatro horas, a regar o milho do senhor Romeu, tudo por mor da saúde dela. Amanhã, íamos ao senhor doutor Guedes. Os pobres guardam tudo para a última e é quando podem. Encostei-me na cama e aliviava as costas de Maria com este braço, mas adormeci. E a Maria a dar a mama. Foi quando ouvi o nosso menino a berrar sem carinho nem coberta que senti que a Maria já não dava acordo. Arrefecia. Tinha acabado. Ó meu pai, a Maria morreu, morreu. E era um anjo a minha mulher.

O Zé da Vicência cobriu-se outra vez de lágrimas. Por algum tempo foi só o despacho da velha e as rezas em surdina e a sisudez muda do pai. O candeeiro de petróleo alumiaava sempre. A vida, lá fora, ainda em sono.

De súbito o pobre rapaz pôs-se de pé, levantou a banda do casaco até às orelhas e desandou porta fora.

-- Aonde vais? -- perguntou o tio António.

-- Deixa-o! Faz-lhe bem espaiar -- atalhou a mãe.

Zé da Vicência passou na fonte de São Pedro e levou uma chapada de água à boca, **desceu a Enxertada** direito à **ponte da Matufa** e direito à **Senhora dos Verdes**. A manhã adivinhou-se por cima do Vale do Buraco e os castanheiros eram como sombras erguidas a guardar o caminho. Sempre gostava ele da primeira luz do dia quando precisou de madrugar. Desta vez não a sentiu, nem reparou que o ar quase secou de todo e a névoa destapava os pinhos **da Fraga da Hera**; vagorosamente. Seguiu no seu passo triste, sem pensamentos nem lembranças. Parou junto da capela e coseu-se **à carvalha** por um minuto. Sobre o lado direito da estrada era o jardim do senhor Romeu cheio de flores bonitas e cheirosas; ouvia-se um rumor de águas que a cascata despenhava na piscina.

Maria gostava de flores e o Zé da Vicência, quando foi à tropa, viu muitos enterros com muitas flores. Subiu o muro, saltou para os canteiros, despiu o casaco e estendeu-o no chão, sacou da navalha e dispôs-se a cortar quantas flores pudesse. Havia muitas a espartar na penumbra as cores vistosas. Não lhes sabia o nome, mas sabia que bem ficariam sobre o caixão e a cova de Maria ou que talvez aqueles perfumes pudessem rasgar o sorriso tão amoroso que ela tinha. Aplicou-se a roçar com vigor frenético.

Quando o senhor Romeu assomou à janela, despertado pelo barulho, já o rapaz procurava ajuntar dois dos cinco montes, a arranjar modo de os passar para lá do muro. Vestiu o roupão, agarrou na pistola e veio ao jardim.

-- Que pouca vergonha é esta, que lindo serviço?

O pobre rapaz não o viu, não o ouviu, não se assustou. Encarou o senhor Romeu, com frieza distante. E o senhor Romeu exclamava:

-- Olha quem ele é! Nunca fiando... -- Sempre ouvira falar bem do Zé da Vicência e, por isso, ficou varado de espanto.

Após ter soado aquela voz e aparecido aquela figura, o rapaz debruçou-se novamente sobre as flores e recomeçou a ajuntar. O senhor Romeu arrastou-o por um braço, meteu-o no

carro e apresentou-se no posto da guarda. Pelo caminho foi recomendando que não lhe aparecesse mais a pedir trabalho porque não abria a porta a ladrões. O prejuízo que acabava de dar subia a contos de reis e haviam de ver como era isso. A vida custa a todos e o mal paga-se ou não haverá justiça. A honra não distingue ricos nem pobres, a honra não há dinheiro que a pague.

Zé da Vicência não opôs nada à homilia. Nem deu pelos guardas. Em camisa, mal sentiu correr-se o ferrolho da cadeia, deixou-se cair sobre um enxergão e adormeceu a ouvir chorar um menino de três meses, quando o sol começava a esquentar o bulício da manhã. Adormeceu com uma escuridão muito íntima, não sabia de quê, que nem cão esquecido sem cuidados nem precisões.

Foi despertado pelo ranger da porta que agora abria e viu, já distintamente, o senhor Romeu com dois guardas. Estranhou aqueles homens e aquele lugar e o sol vazado em quadradinhos da janela. O senhor Romeu mostrava-lhe um casaco.

-- Olha lá, meu rapaz, para quem eram as flores que cortaste no jardim?

Doeu-lhe muito a morte da mulher e respondeu:

-- Para Maria.

O senhor Romeu chegou-se a ele, ergueu-o do enxergão, vestiu-lhe o casaco e disse, demorando um abraço:

-- Dou-te os meus sentimentos. Coragem, homem! Vamos para casa. As flores serão para ela.

Quando saiu à praça e os sinos dobraram pela sua morta, o casaco do Zé da Vicência ainda cheirava ao jardim e as flores perfumavam o corpo de Maria.

A SURPRESA DE DOM VENTO JARDINEIRO
(Alegoria quase infantil)

O cimo da alta montanha era seco e solitário. Ali viviam, muito unidos, o menino Calhau, o senhor Penedo e o senhor Pedregulho, todos parentes, da família do granito, que é das pedras mais duras das altas montanhas.

O menino Calhau era como uma criança, uma daquelas pedras que a gente topa pelos -campos e pode encher a mão de um homem. Mas o senhor Penedo, esse deitava mais corpo, grande como um automóvel, reboludo e com o ar calmo de quem tem muita força. Quanto ao senhor Pedregulho, nem tão pequeno como o menino Calhau nem tão majestoso como o senhor Penedo, podíamos compará-lo à cabeça de um leão, de todos o de pele mais escura e mais rugosa. A pele do menino Calhau era macia como um pudim dondinho. A pele do senhor Penedo tinha uma cicatriz, assim como um resto de ferida, greta que lhe deixou uma faísca num ano em que o mês de Maio andou tão zangado que não parava de ralhar e de riscar fósforos cabeçudos no céu negro.

Quando conversavam, as palavras do senhor Penedo soavam mansas e de bons conselhos; as palavras do senhor Pedregulho não escondiam um pouco de ambição; o menino Calhau tagarelava, tagarelava, às vezes nem pensava o que dizia, mas sentia sempre grandes desejos de brincar.

Um belo dia de Primavera, começou por dizer o menino Calhau:

-- Custa muito estar aqui, sempre aqui. Ai quem me dera saltar e rebolar pela encosta, por aí abaixo, à maluca, ir conhecer os calhaus do vale e falar e brincar com eles.

--Tens razão, meu rapaz, tu tens razão, custa muito estar aqui, sempre aqui -- confirmava o senhor Pedregulho. --

Mas para que serve a brincadeira? Rebolavas por aí abaixo, podias partir a cabeça ou cair no fundo de um poço, e depois? Há coisas mais importantes do que brincar. A mim não se me dava que me arrancassem do cimo da montanha, me carregassem para a cidade e me arrumassem num desses palácios onde moram reis e presidentes, onde moram os que mandam nas nações. Isto sim, vale a pena, não é verdade, senhor Penedo?

-- Mas que vos posso eu dizer, amigos? -- respondeu o senhor Penedo. -- Quem vai para paredes de palácios está sujeito a tanta desgraça! Pode vir uma revolução, um tiro maldoso e escavar tudo e acabar com esses ares de nobreza. Tem perigos o teu desejo, como vês... Em tempos, também eu pensei que poderia partir para a cidade, sujeitar-me a uma operação de beleza e transformar-me em estátua de algum homem célebre. Mas aprendi, depois, que os homens célebres com estátuas pelas avenidas nem sempre foram homens bons e comecei a ver que era melhor não ter esperanças como estas.

E, após breve silêncio, o senhor Penedo continuou:

-- Mas, não há dúvida nenhuma, custa muito estar aqui, sempre aqui. A terra é áspera e a solidão do cimo da montanha, pois é tanta, pesa e dói como rolos de chumbo. Mas é daqui que nós somos. É aqui que recebemos as visitas da senhora Neve, as visitas da senhora Chuva, as visitas do senhor Sol, as visitas da minha grande amiga, a senhora dona Lua-de-Oiro-Lindo.

-- É verdade, como sou tonto, senhor Penedo! Se eu pudesse pensar assim, com tanto siso! Se eu soubesse falar assim, com tanto siso! Doidivas! -- comentava o menino Calhau.

E o senhor Pedregulho afirmava:

-- Senhor Penedo, senhor Penedo, as suas palavras dão-me coragem para continuar aqui. Se eu fosse parede, talvez me tapassem com cimento, ou talvez me besuntassem com tintas. Nem veria a senhora Neve! A senhora Chuva havia de chorar por não poder dar-me agora os seus banhos refrescantes! E não mais sentiria as carícias do senhor Luar, as cócegas do senhor Sol.

Nesta altura, saltaram no ar uns risinhos marotos e três vezes se ouviu assobiar.

-- Será dom Vento Jardineiro? -- tentou adivinhar o menino Calhau.

-- É dom Vento Jardineiro, sou eu mesmo.

-- Ora viva o nosso amigo! -- saudou o senhor Penedo.

-- Que o traz por estas bandas? -- interrogou o senhor Pedregulho.

--Venho de dar um giro. E agora mesmo devia chamar-vos ingratos, seus grandes ingratos! Só lembrais as visitas da senhora Neve, as visitas da senhora Chuva, as visitas da senhora dona Lua-de-Oiro-Lindo e as visitas do senhor Sol. Não serei eu vosso amigo?

-- Mas, senhor dom Vento Jardineiro...

-- Não há desculpas, senhor Penedo. E as minhas zangas passam bem depressa. Fui até à ribeira. Bebi da água cristalina. Passeava por ali uma truta e assustou-se. Mas a água da ribeira soube-me tão bem que trago o coração cheio de boas intenções. Ouvi todos os vossos queixumes! E, como sou dom Vento Jardineiro, vosso amigo, posso tirar do meu saco de surpresas aquilo que vos faz falta.

-- Mas para que serve o teu velho saco de surpresas? -- lamuriava o senhor Pedregulho.

-- Nós estamos sempre aqui, no cimo da montanha, agarrados a esta terra de areia batida, que não nos dá nada a não ser um poiso duro de criar calos no assento! Do que nós precisamos é de qualquer coisa que nos distraia, nos encante e seja nossa e diferente! -- recomendava o senhor Penedo.

-- Eu sei que no teu saco de surpresas apenas sementesavas. E o que é uma semente? -- troçava o menino Calhau.

-- Uma semente -- disse em tom solene dom Vento Jardineiro --, uma semente é vida, é cor, é perfume!

-- É vida, é cor, é perfume! -- repetiam em coro os desconsolados e pouco esperançados menino Calhau, senhor Pedregulho e senhor Penedo.

-- É o que vos faz falta: vida, cor, perfume.

Isto dizendo, abriu o saco, tirou uma semente, soprou, e um pequenino grão, que mal se via, caiu na terra. E a terra abriu-se, carinhosa, macia e fofa, com tais jeitos de mimo, que todos se espantavam, que todos pensavam se não seria algum milagre.

E disse dom Vento Jardineiro:

-- Aqui deixo a semente que nunca deixei em mais parte nenhuma e que convosco desejo ver nascer, porque também a não conheço. Será um encanto novo do meu saco de surpresas?

Veio o dia, veio o sol, veio a chuva.

Veio a noite, veio a chuva, veio o luar.

A terra começou abrindo, outra vez de mansinho, como espuma que não magoa, e deixava subir uma erva delicada e perfumada, rasteirinha e meiga, de minúsculas folhas verde-cinzentas. Ia estendendo, branda, os ramos caprichosos, como raízes que se cruzam e engordam ao relento. E, timidamente, sorria em minúsculas pétalas amarelas, tão amarelas como gema de ovo fresco, tão minúsculas como as tais minúsculas folhas verde-cinzentas. Ia alargando, sempre rasteira, submissa e sorridente, e perfumava as pedras de ternura, roçando, leve como penugem de pintassilgo, seus dedos de folhas e seus risos de pétalas pelas faces do menino Calhau, pelas faces do senhor Penedo, pelas faces do senhor Pedregulho.

E diziam embevecidos:

-- É a nossa coisa! É linda a nossa coisa!

E murmurava dom Vento Jardineiro, comovido e orgulhoso:

-- É uma planta como outra nunca vi tão pura nem tão fina! É uma planta! Eu vou chamar meu primo dom Vento Bailarino. Chegou ontem da cidade, a visitar-me. Quero que ele veja a maravilha saída do meu saco de surpresas. Vou num assobio!

Rápido, como voo de melro que se escapa, foi dom Vento Jardineiro e voltou com dom Vento Bailarino.

Dom Vento Bailarino trazia passos de seda, pisando em bicos de pés, como se dançasse, no ar ficando apenas o ritmo da sua paz! Chegou e disse:

-- Eu conheço muitas plantas na cidade. Moro num jardim tratado por meu irmão e as flores mais raras encantam as visitas que chegam de todos os pontos do mundo. Mas, aqui, no cimo da montanha, eu bailo em louvor da planta rasteirinha que a terra batida afaga e a rija pedra enternece.

E bailou dom Vento Bailarino uma nova dança que as nuvens repetiam em figuras de anjos, transparentes no fundo céu azul. Era uma dança de paz, que os anjos das nuvens ensinaram a dom Vento Bailarino em louvor daquela planta!

-- É a nossa coisa! É linda a nossa coisa! -- diziam embevecidos o menino Calhau, o senhor Penedo, o senhor Pedregulho.

-- É uma planta como outra nunca vi tão pura nem tão fina! É uma planta! Eu vou chamar minha esposa, dona Brisa Pintora-Pôr-do-Sol. Quero que ela veja a maravilha saída do meu saco de surpresas. Vou num assobio!

Rápido, como voo de melro que se escapa, foi dom Vento Jardineiro e voltou com sua esposa, dona Brisa Pintora-Pôr-do-Sol.

Dona Brisa Pintora-Pôr-do-Sol trazia a sua coleção de cores e chegava, feminina, olhos afogueados de sempre pintar as maravilhas, cor de carne e cor da capa do Senhor dos Passos, nas telas do entardecer.

E disse a dona Brisa Pintora-Pôr-do-Sol, olhando a planta meiga e falando a dom Vento Jardineiro, seu marido:

-- Que encanto novo escolheste do teu saco de surpresas? Porque é que a terra dura do cimo da montanha ganhou a cor de um sorriso e é verde, verde forte, como se esperasse a visita mais desejada de todos os séculos do mundo? Vou pintar um quadro na tela do entardecer com cores de oiro velho, fogo azul e carne viva. E a noite, a própria noite das estrelas pisca-pisca, há-de poisar no meu quadro o seu louvor estremunhado à planta deste cimo.

E pintou. Pintou até que a noite se envaidecia com os primeiros alvares da madrugada montanhesa.

-- É a nossa coisa! É linda a nossa coisa! -- diziam embevecidos o menino Calhau, o senhor Penedo, o senhor Pedregulho.

-- É uma planta como outra nunca vi tão pura nem tão fina! É uma planta! Ó minha esposa, dona Brisa Pintora--Pôr-do-Sol, voa a chamar a nossa prima, a esposa de dom Vento Bailarino! Quero que ela veja a maravilha saída do meu saco de surpresas.

Veloz, como golpe de enguia que se esconde, foi dona Brisa Pintora-Pôr-do-Sol e voltou com sua prima, a esposa de dom Vento Bailarino, dona Brisa Cantora-Linda--Aurora.

E disse dona Brisa Cantora-Linda-Aurora, olhando a planta meiga e falando a dom Vento Jardineiro:

-- Que novo feitiço escolheste no teu saco de surpresas? Porque é que a terra dura do cimo da montanha cantarola, embalando a planta rasteirinha, como a mãe que cantarola a adormecer o filho em seu regaço? Eu vou cantar em louvor da planta-maravilha, nesta manhã que esfrega os olhos de espanto e arrulha como pomba.

E cantou, cantou como nunca se lembrava que fosse capaz de cantar, em louvor da planta, daquela planta. Cantou como um violino sonhando...

-- É uma planta como outra nunca vi tão pura nem tão fina! É uma planta! -- murmurava, comovido e orgulhoso, dom Vento Jardineiro.

E caíram todos num encantamento, mudos, tocados pelo perfume e o mimo nascidos no cimo da montanha, até que uma voz, buliçosa como bola saltitante e fina como agulha, os despertou daquele pasmo:

-- Bom dia! Bom dia! Estou tão contente!

E perguntou dom Vento Jardineiro:

-- Quem és tu? E

-- Bom dia! Bom dia! Estou tão contente!

E perguntou o menino Calhau:

-- Quem és tu? Trazes uma jaqueta tão vermelha, com pintas pretas e és tão pequenina? E esses olhos de poeta consolado!...

-- Bom dia! Bom dia! Estou tão contente! Sou a Joanhinha Joaneta. Andava à procura de casa e foi um perfume novo que me guiou para aqui! E aqui tenho uma casa, tenho estas pedras que me abrigam, tenho esta planta de ternura que me abraça!

-- É a nossa coisa! É linda a nossa coisa! -- diziam o menino Calhau, o senhor Penedo, o senhor Pedregulho.

-- É uma planta como outra nunca vi tão pura nem tão fina! É uma planta! -- murmurava, comovido e orgulhoso, dom Vento Jardineiro. -- É a maravilha saída do meu saco de surpresas!

-- Bom dia! Bom dia! Estou tão contente! E como se chama esta planta? -- quis saber a Joanhinha Joaneta.

-- É a nossa coisa! Mas como vamos chamar à nossa coisa? -- queriam saber o menino Calhau, o senhor Penedo, o senhor Pedregulho.

-- É uma planta! Mas que nome vamos pôr a esta planta como outra nunca vi tão pura nem tão fina? -- quis saber dom Vento Jardineiro.

-- Com que nome iremos nós baptizar a maravilha do teu saco de surpresas? -- queriam saber dona Brisa Cantora-Linda-Aurora, dona Brisa Pintora-Pôr-do-Sol, dom Vento Bailarino.

Pediram todos em coro:

-- Dá-lhe tu um nome, Joanhinha Joaneta!

Fez-se silêncio. Um aroma mais fresco alegrou a terra-mãe do cimo da montanha e as pedras abriam as almas para rezarem em seguida o nome da sua coisa.

Respondeu a Joanhinha:

-- Na minha alma, esta planta tem o nome de sargaço, porque sargaço, na minha alma, é a poesia da montanha! Bom dia! Bom dia! Estou tão contente!

-- Sargaço! Sargaço! É a poesia da montanha! Obrigado, Joaquina Joaneta! Bom dia! Estamos tão contentes! -- e cantavam todos em coro à Joaquina Joaneta:

Voa voa
Joaquina
ligeirinha
voa voa
pinta preta
redondinha
na jaqueta
vermelhinha
voa voa
Joaquina
Joaneta
voa voa
Joaneta
Joaquina
ligeirinha
não enjoa...

A Joaquina Joaneta voou, voou, voou. Foi pisar nas barbas de dom Vento Jardineiro e disse:

-- Bom dia! Bom dia! Estou tão contente!

E das barbas voou para a bochecha de dom Vento Jardineiro. Pespegou-lhe um beijo tão repenicado, tão ternurinhas, tão mimalho, tão a agradecer, que toda a montanha ficou cheia desse beijo e do perfume da poesia do sargaço.

O Sol, como um grande rei bondoso que do alto céu assiste ao folgar dos seus filhos, o Sol começou a rir, a rir, a rir e a cantar:

-- Bom dia! Bom dia! Estou tão contente! -- porque também vivia na sua alma o perfume da poesia da montanha, do sargaço!

GLOSSÁRIO

GLOSSÁRIO (acrescentado)

À dependura	19
a lanterna da rega...	94
a modos	
À moina	51
À ruça ou à russa	38 - expressão que acompanhava o gestode lançar um punhado de qualquer coisa aliciante para apequenada (rebuçados, castanhas, nozes, etc.) e que sempre provocava notável balbúrdia e alvoroço; há quem pretenda estabelecer alguma ligação com a confusão política e social levantada, na Rússia, pela Revolução de 1917...
agaçar	50
Água de malvas	47
argençana	42 - ... amarga mas cura... 42
Atão	42 - por então, é arcaísmo e forma popular de então.
Avé Maria de Grande Valor ¹	39 - melopeia em jeito de cantochão, longo poema em quadras encadeadas, antiquíssimo; cantava-se, pelo Natal, no beijo ao Menino.
Avezados	36 - ... pastores avezados a cobrir lonjuras do alto dos cerros... p. 36
azougue	45
Bem-haja	79
Bendita seja a Paixão do Redentor ¹¹	72
Boer	39 - por bober (com síncope do segundo «b»), o mesmo que beber, ocorrendo o fenómeno de dissimilação vocálica, regressiva, completa entre os dois «ee».
Bonda	Chega - «bota aí...»... bonda...
bugalhos	45
Cagarela	87 cagarola
Caldo	31 - adjectivo que diz quente, ardente, em brasa; águas caldas são águas quentes ou, também, águas termais.
Cama de ferro	93
Candeeiro de petróleo	93 –
CARVALHÓS	Cambalhota, queda, batecu..., p. 8
Catano!	90
catrapós	90
Cavaqueira soalhal	19
Colchão de palha centeia	72

Contos de reis	96
Coqui'í'mol	42 Coqui'í'mol-rincatafol-faz-bordão-pra-ti-cagalhão (jogos tradicionais...)
Corla	39 - por colra (de cólera), verificando-se metátese do «l» com o «r», é um líquido que do estômago sobe à boca ou um vômito de bilis.
Corrécio	19 e 88 - maltês; vadio; valdevinos
Dar à unha e pouca trela	83 – ditados populares...
De cambulhada...	38
Demoncres Demontres	88 - demónios; diabos.
Dianho	87
Dondinho	97 - diminutivo de dondo, que, em certas regiões, significa macio.
Endoenças	72 - do latim <i>indulgentias</i> , solenidades religiosas em Quinta-Feira Santa.
Engenho	14 – 37 – 89 - máquina; fábrica de açúcar; em Manteigas, fábrica de lanifícios (Engenho do Martins, Engenho do Rio, etc.).
engonçar	51
Entourado	84 - entourado, verificando-se a epêntese do «e» médio.
Envesgar	38 – envesgar os olhos...
esborralhar	
escaleira	Sentado na escaleira da porta a ver passar a vida... p. 36
Escaleiras	19 – 38 – 56 - escaleiras dos balcões ... escaleiras do adro... escaleiras na quelha... escaleiras de São Pedro
Esparjo	47 - espargimento, do verbo espargir (derramar, verter, espalhar); será pois uma corruptela de espárgio, que o povo formou naturalmente a partir do verbo.
Espavoritava-os	31 - alvoroçar, espantar, pôr em debandada. - espavoritava-os como a frangos do quintal
Estraçalhada	49
Estrada Nova	30 e 33 - « <i>falo em Estrada Nova refiro uma das artérias principais da vila, que agora dá pelo nome de Rua 1ª de Maio</i> »
Fadairo	45 - forma popular e arcaica de fadário. « Andamos neste fadairo vai para três dias...»
farranfa	89
Fornos	9 - «Então, havia fontes e água com fartura e sete fornos para o pão e as padeiras a dar ordens de

	«amassar» e «tender» à porta de cada um...
Gadanha de caldo	45
Guarda que comer, não guardes que fazer	83 – ditados populares
jarpela	45 os médicos dizem erisipela
jarpelão	45 erisipelão
Lombinho vão	49 - a parte mais tenra e saborosa dos lombos do porco. «Quando for da matação, mandam-se-lhe uns lom-binhos vão.»
Maltesaria	50
Matrona	45 - bolsa funda e larga, de pano, como um pequeno saco, que as mulheres usavam pregada em saia rabuda, ao nível da cintura, na frente e sobre o lado direito. 45
Migalho	35 - 47 – 89 « abriu, um migalho, as mãos...» «Há um migalho comi o caldo...» « Assentou-se um migalho a embrulhar cigarro gordo»
Mil demontres	88
Misarela	39 - nalgumas regiões «miseré» (do latim miserere), designação por que é conhecido o famoso salmo penitencial do rei David <i>miserere mei</i> , Deus (tende piedade de mim, ó Deus). ⁱⁱⁱ
Ordinário	38 – 50 - substantivo que, em música, designa a marcha tocada por uma banda em andamento, quando se desloca de um sítio para outro (em passo «ordinário». « a passear «ordinários» pela vila, a rouquejar missas e latim pelas festas, a coser rapsódias nos arraiais, a estrear fardamentos,»
Pataco	9 e 35 - « <i>pagou um pataco de portagem</i> »
peita	25 - « a justiça e a peita, a guerra e a paz»
Plantas da serra	88 - Rosmaninho, giesta, sargaço e urgueira (zimbros, carqueja, feto, cervum...)
Poio	8 - pode equivaler a poia, poial, pão achatado, mas é aqui uma grande pedra solta da família da rocha, do penedo, da fraga. Ex: Poio do Judeu, Poio da Oliveirinha, Poio da Lapa do Canilho...
Precurar	46 - por procurar, que o povo muito emprega com o significado de perguntar. «sê Senhor lhes precuro»
Prisca	38... pirisca
priscavam	19 - «Furei a muralha de homens que priscavam e envesgavam os olhos para as fatiotas dos comediantes»

quelhas	19 – 23 67 - A quelha do rossio no Cimo da Vila, a quelha do forno Fundevila...
Quinta Feira de Endoenças ^{iv}	72 - cântico estrófico em remansada melopeia, que medita os padecimentos de Cristo.
Rampa	de Santa maria – Agora a Rua Bernardo...
reis	94 - Vinte mil reis por consulta... vinte escudos...
Relas e matrículas	71
retouça	59... menino, a retouça acabou...
saltivão	42 – jogo tradicional
soltura	30 – vai melhor da soltura?
Temos enguiço	45
Toça	50 - o mesmo que torça (pedra quadrilonga e esquadriada, pedra superior da soleira da porta), é aqui sinónimo de pedra solta, mais ou menos rectangular ou quadrada, um tanto pesada.
Tossa de arroba	91
tossar	49 sem bicho que os tossasse
Traguer	trazer; ouve-se muito, na Beira Baixa: eu trago, tu tragues, ele trague...
vontadeiro	9 - Prestável, prestimoso - «Ai a tentação de escrever palavras como vontadeiro ou carvalhós por «prestimoso» ou «cambalhota»

ÍNDICE

NOTA PRÉVIA

SERRA DA ESTRELA

PRAÇA DO MUNDO

A praça.....	19
O mundo	23
Vigários e sacristães	27
O avô	35
O Tio António Pai do Santo	37
As bruxas	41
A benzedeira	45
Lobos e bandas	49
No acampamento da ASE	53
Ciganagem	55
Kant, meu pai e eu	59
O senhor professor Vicente	63
Natal	67
Paixão	71

CONTOS

João Tinó	77
Mexerico	81
Por coisa tão pouca	87
Flores para Maria	93
A surpresa de dom Vento Jardineiro ...	97

ANEXO extra 1 (JRG)

Alegoria quase infantil – Surpresa de Dom Vento Jardineiro – de louvor ao SARGAÇO – com personagens personificadas

sargaço	103 / 104 (Planta da serra) é a poesia da montanha Com os vários personagens animados: - o menino Calhau - o senhor Penedo - o senhor Pedregulho - a senhora Neve - a senhora Chuva - o senhor Sol - senhora dona Lua-de-Oiro-Lindo - dom Vento Jardineiro - dom vento Bailarino - dona Brisa Pintora-Pôr-do-Sol esposa do Vento Jardineiro - dona Brisa Cantora-Linda-Aurora – esposa do Vento Bailarino -Joaninha Joaneta ^v
---------	---

ANEXO extra 2 (JRG)

Figuras típicas

A Benzedeira ^{vi}	45
Adelina Pachoa	29
Albino Rosa	81
Almotacel	59 - ou almotacé, oficial da câmara encarregadode fiscalizar pesos e medidas, taxar os preços dos génerose orientar a distribuição dos alimentos em tempo de crise;em Manteigas, superentendia na distribuição das águaspara rega (Levada da Lapa, Levada Nova).
Amaral	38 músico
Amaral	50 músicos
Amélia	83 costureira
Ana	81 costureira
António Caixeiro	50 músicos
Banda de Verdelhos	51
Benvinda Forte	29
Bernarda Cuca	42
Bernardo	29 - Sacristão de Santa Maria
Biló, João	41
Binoco	90
Carapanta	38
Carapanta	50 músicos
ciganos	56
Dr Guedes	94
Grilo	88
Guarda Republicana	85
Irmão da Lúcia	84
João Bichas	31 - João Martins – sacristão de São Pedro
João Biló	41
João Clementino	9 - O da venda... onde se mercava meio tostão de rebuçados...
João Tinó – (Biló?)	77
Joaquim Cuco	37
Joaquim Sono	9
Jonja	50 músicos
José da Cleta	31 - José Cleto, com loja ao fundo da rua que descia da escola...
Lúcia	81
Mãe e tia da Lúcia	84
Manecas	9

Maria	93
Mascarenhas	89
Misagras	50 músicos
Mulher de virtude	47
Música Nova	50
Música Velha	50
o Rodes	88 pastor
O Senhor Torres	77
O Sr Romeu	94
O Sr. Mário	82 – o alfaiate (ver o Sr. Lourenço Viegas, irmão do Padre João Viegas, missionário de Cucujães em África e do Padre António Viegas, director espiritual no Seminário da Guarda, nos anos 50...)
Os irmãos Marcos	51 – mestres das Bandas
Padre Oliveira	51 – pastor de um Povo de Deus – Verdelhos...
Padre Parente	51 – mestres das Bandas
Padre Seco	82
Pai do Santo	37 - ... o Pai do Santo era o Pai do Santo, pobre diabo e amigo das crianças... p. 37 O Tio António Pai do Santo derretia a féria no vinho... 40
Paiva	56 e 57
Palmira	89
Peixeiro	81 – o setenta?
Polainas	50 - músicos
Porfírio Jorge	51 – mestres das Bandas
Professor Vicente	63 aquele a quem admiro...
Quim Direitas	19 -
Rapeninha	54 o pastor que deu ao autor a primeira flauta
Relas	89
Ricardo Luxo	78
Rolão Alfaia	89
Senas	50 músicos
Ti Cruto	41
Tia Bernarda Cuca	42
Tia Gertrudes	48 – mulher de virtude
Tia Vidinha	42
Tio João Coutela e da tia Lurdes Veiga	78 pais do João Tinó
Tio Zacarias	59 (pai do autor) ensinou do que viveu... escrevo do que vivi, tal como meu pai me ensinou...
Zé da Vicência	93
Zé Pico	38
Zé Vigas	87
Zefa Estrelada	89

ANEXO extra 3 (JRG)

Espaços

Apertado	88
cadeia	85
Canada	50
candieiras	77
Candieirinhas	88
Capela da Senhora dos Verdes	95
Carvalha	95
Cerro da Coruja	87
coreto	52
Courelas do Zorrão	45
Covões	53
Covões	87
Enxertada	95
Fábrica do Picoto	83
Fondevila	77
Fonte de São Pedro	95
Fraga da Hera	95
Fragão do Corvo	78
Hospital da Misericórdia	85
Lagoa do Vale de Rossim	78
Lajens	39
Lameiras	53
Levada Nova	59
O Torreão de São Lourenço	79
Pedra da Águia	78
Penhas da Saúde	51
Penhas Douradas	51
Pés de serra	51
Poço da Lapa do Canilho	88
Poio da oliveirinha	53
Poio da Oliveirinha	87
Poios atrás da Fraga da Cruz	43 – onde bailavam as bruxas... ou lá para o tornáqua
Ponte da Matufa	95
Posto da guarda	96
Quelha do forno	84
Quelha do Lucas	77
Ribeira	53
Serra de baixo	88
Tinte	37 - o mesmo que tinturaria enquanto

	sinónimo de fábrica ou sector de fábrica onde se tingem os panos.
Torrões de São Marcos	45 – cemitério que fica em São Marcos
Trás da Serra	78
Vale das Éguas	79
Vale do Buraco	95
Zorrão	89

Jogos tradicionais

Malha	88
Mamaste-a	42
Pedrincha	é palavra sem dicionário; o jogo da pedrincha corresponde àquele que em muitas regiões do país é chamado de «jogo da semana» uns quadrados (ou casas) desenhados no chão devem ser passados com limpeza por uma pedra achatada ou caco, que se empurra com a biqueira do calçado, andando os jogadores a pé-coxinho.
Pelão	
piorra	
saltivão	77
Cântaros	

Festas e novenas

Senhor do Calvário	32
Senhora da Graça	32
Novenas	32 - avezado às novenas da Senhora da Conceição, do Menino Jesus, de Santa Inês, Ofícios de Trevas,

Capelas que desapareceram

Capela da Senhora da Saúde	Capelas que desapareceram, p. 33
Capela de N S de Lourdes	Capelas que desapareceram, p. 33
Capela de Santo Amaro	Capelas que desapareceram, p. 33

ANEXO extra 4 (JRG)
Orações – mezinhas -...

A São José - Oração diária pelos agonizantes

<http://senhorbomjesus.net/sbj/?p=738>

São José, Pai nutrício de Nosso Senhor Jesus Cristo e verdadeiro esposo de Maria Virgem, rogai por nós e pelos agonizantes deste dia e desta noite. Dai-nos uma santa morte. Amém.

Pai-Nosso – Ave-Maria – Glória ao Pai

Ver outras:

<http://oracoesgruporenascer-rcc.blogspot.pt/2011/03/terco-de-sao-jose.html>

<https://www.ramah.com.br/blog/oracoes-a-sao-jose/>

Lembrai-Vos de São José



Lembrai-vos, oh! puríssimo esposo da Virgem Maria, que jamais se ouviu dizer que alguém tivesse invocado vossa proteção, implorado vosso socorro e não fosse por vós atendido. Com esta confiança, venho à vossa presença; a vós com

fervor me recomendo. Não desprezeis as minhas súplicas, pai adotivo do Redentor, mas dignai-vos de acolhê-las piedosamente.

Oração de São José pelos agonizantes

Oh! São José, pai adotivo de Jesus Cristo e verdadeiro esposo da virgem Maria, rogai por nós e por todos os agonizantes deste dia (desta noite)

Oração pelos moribundos

Eterno Pai, pelo amor que tendes a São José, escolhido por vós para ser o vosso representante na terra, tende misericórdia de nós e dos pobres moribundos. Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória.

Eterno Filho, pelo amor que tens a São José, vosso guarda fidelíssimo, tende misericórdia de nós e dos pobres moribundos. Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória.

Eterno Espírito Santo, pelo amor que tendes a São José, zelosíssimo guarda da Santíssima Virgem Maria, Vossa amada Esposa, tende misericórdia de nós e dos pobres moribundos. Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória.

Oração a São José, para pedir a graça da boa morte

Magnificat

<http://www.canticos.org/a-minha-alma-glorifica-o-senhor-i/>

A MINHA ALMA GLORIFICA O SENHOR (I)

C. Silva

**A minha alma glorifica o Senhor,
porque olhou para a sua humilde serva.**

A minha alma glorifica o Senhor

1. A minha alma glorifica o Senhor
e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.
2. Porque pôs os olhos na humildade da sua serva:
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada
todas as gerações.
3. O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é o seu nome.
4. A sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que O temem.
5. Manifestou o poder do seu braço
e dispersou os soberbos.
6. Derrubou os poderosos de seus tronos
e exaltou os humildes.
7. Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias.
8. Acolheu a Israel, seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
9. como tinha prometido a nossois pais,
a Abraão e a sua descendência para sempre.

Responso de Santo António

<http://www.mariahelena.pt/pages/responso-de-santo-antonio-para-encontrar-objetos-perdidos>

Responso de Santo António:

Se milagres desejas,
Recorrei a Santo António;
Vereis fugir o demónio
E as tentações infernais.

Recupera-se o perdido.
Rompe-se a dura prisão
E no lugar do furacão
Cede o mar embravecido.

Todos os males humanos
Se moderam se retiram,
Digam-no aqueles que o viram,
E digam-no os lusitanos.

Recupera-se o perdido.
Rompe-se a dura prisão
E no auge do furacão
Cede o mar embravecido.

Pela sua intercessão
Foge a peste, o erro, a morte,
O fraco torna-se forte
E torna-se o enfermo são.

Recupera-se o perdido.
Rompe-se a dura prisão
E no auge do furacão
Cede o mar embravecido.

Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo.

Recupera-se o perdido.
Rompe-se a dura prisão
E no auge do furacão
Cede o mar embravecido.

Rogai por nós, bem-aventurado António.
Para que sejamos dignos das Promessas de Cristo.

Responso de Santo António (II):
Bendito e louvado seja Santo António,
sol brilhante que em Lisboa, França e Itália, deu luz a mais rutilante:
ó beato Santo António, que ao monte Sinai subiste;
o teu Santo Breviário perdeste,
em busca dele voltaste mui triste
e uma voz do céu ouviste:
“António, torna atrás, o teu santo Breviário acharás;
em cima dele Jesus Cristo vivo, três coisas lhe pedirás:
o perdido achado, o esquecido lembrado, e o vivo guardado.”

Agradeça a Santo António pela graça concedida.

Credo

<https://acordocoletivo.org/2011/10/07/oracao-do-credo-pai-nosso-ave-maria-a-jesus-de-sao-francisco/>

ORAÇÃO DO CREDO

Creio em Deus todo poderoso, Criador do céu e da Terra;
e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor;
que foi concebido pelo poder do Espírito Santo;
nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia;
subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna.

Amém

Jesus

Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tende piedade de nos, pecadores.

ⁱAve-maria, de grande valor

«Ó Ave-maria(1),
de grande valor,
rainha dos anjos,
ao seu resplendor.

Ao seu resplendor,
grande maravilha,
cheia [de] acções de graça
à Virgem Maria(2).

À Virgem Maria,
que Deus(3) escolheu
para ser mais sua,
que dela nasceu.

Que dela nasceu
nosso bom Jesus(4),
salvador do mundo,
espelho da luz.

Espelho da luz,
que a todos dá luz,
aquele Senhor
que no Céu(5) nos criou.

Prò(6) Céu nos criou,
lá nos quer levar.
E nós, tão ingratos,
sempre a pecar(7)!

Sempre a pecar,
sem emenda(8) ter;
ninguém considerar
que há-de morrer!

Que há-de morrer,
que contas há-de dar,
àquele Senhor
que nos vai julgar.

Que nos vai julgar

e levar também
prà(9) eterna glória,
para sempre, amém(10)!»

Maria Clara, Idanha-a-Nova, Setembro de 2010

Glossário:

(1) Ave-maria – composição ou cântico que tem como tema a Virgem Maria ou e a oração ave-maria, dirigida pelos católicos a Nossa Senhora.

(2) Virgem Maria - mãe de Jesus Cristo.

(3) Deus – no catolicismo, cada uma das pessoas da trindade cristã (Pai, Filho e Espírito Santo).

(4) Jesus – nas religiões cristãs, filho divinizado de Deus, crucificado para salvar a humanidade.

(5) Céu – lugar para onde vão as almas dos justos, dos santos e onde estão os anjos.

(6) Prò – “para o” (contração da preposição pra com o artigo ou pronome o; uso popular e coloquial).

(7) Pecar – transgredir lei ou princípio religioso.

(8) Emenda (sem emenda ter) – regeneração moral; correcção contínua de defeitos e faltas.

(9) Prà – “para a” - uso popular e coloquial (contração da preposição pra com o artigo ou pronome a).

(10) Amém! – “assim seja” (interjeição, de origem hebraica, usada nas orações da Igreja Católica).

Na construção deste glossário consultaram-se:

<http://aulete.uol.com.br;>

<http://www.infopedia.pt;>

<http://www.priberam.pt;>

<http://www.ciberduvidas.com>

ii
Bendita e louvada seja / a Paixão do Redentor,
Que por nós sofreu martírios, / morreu por nosso amor! (bis)
Os céus cantam a vitória / de nosso Senhor Jesus;
Cantemos também na terra / louvores à Santa Cruz! (bis)
Humildes e confiantes / levemos a nossa cruz;
Seguindo sublime exemplo / de nosso Senhor Jesus! (bis)
Cordeiro imaculado, por todos morreu Jesus, remido as nossas almas, é Rei pela sua cruz (BIS).
É arma em qualquer perigo, é raio de eterna luz, bandeira vitoriosa, o santo sinal da cruz (BIS).
Ao povo aqui reunido / daí graças, perdão e luz;
Salvai-nos ó Deus clemente, / em nome da Santa Cruz! (bis)
Bendita e louvada seja / a Paixão do Redentor,
Que por nós sofreu martírios, / morreu por nosso amor! (bis)
Os céus cantam a vitória / de nosso Senhor Jesus;

Cantemos também na terra / louvores à Santa Cruz! (bis)
Humildes e confiantes / levemos a nossa cruz;
Seguindo sublime exemplo / de nosso Senhor Jesus! (bis)
Cordeiro imaculado, por todos morreu Jesus, remido as nossas almas, é Rei pela sua cruz (BIS).
É arma em qualquer perigo, é raio de eterna luz, bandeira vitoriosa, o santo sinal da cruz (BIS).
Ao povo aqui reunido / daí graças, perdão e luz;
Salvai-nos ó Deus clemente, / em nome da Santa Cruz! (bis)

iii Tem misericórdia de mim, ó Deus

Tem misericórdia de mim, ó Deus,
Pois é grande a tua bondade.
Apaga a mancha terrível das minhas transgressões,
Pois a tua piedade é sem limites.
Lava-me completamente da minha culpa.
Purifica-me do meu pecado.
Porque reconheço a minha acção vergonhosa,
Que aliás não me sai do pensamento.
Foi contra ti, somente contra ti, que eu pequei,
E fiz essa coisa tão baixa aos teus olhos.
As tuas palavras são verdadeiras e o teu julgamento é justo.
Eu nasci pecador, sim, desde o momento em que a minha mãe me concebeu.
Tu ficas satisfeito quando há verdade e sinceridade no coração.
Oh! Dá-me essa sabedoria!
Esparge-me com o sangue purificador e ficarei de novo limpo.
Lava-me e serei mais branco do que a neve.
Depois de me teres castigado, devolve-me a alegria, mais uma vez.
Não fiques lembrado dos meus pecados;
Apaga-os da tua vista.
Cria em mim, ó Deus, um coração limpo,
E dá-me uma mente renovada e firme.
Não me afastes da tua presença;
Não me prives do teu Santo Espírito.
Dá-me novamente a alegria da tua salvação;
Quero obedecer-te decididamente.
Poderei assim ensinar os teus caminhos aos transgressores;
E os pecadores voltar-se-ão para ti.
Não me condenes à morte, meu Deus.
Só tu me podes livrar. Cantarei intensamente a tua justiça.
Abre-me os lábios, e a minha boca te louvará plenamente.
Tu não te satisfazes com sacrifícios de penitência;
Se não, eu tos faria de bom grado.

Não estás interessado em holocaustos de animais.
Para ti o verdadeiro sacrifício é um espírito rendido a teus pés e arrependido.
Um coração humilhado e magoado tu não desprezarás, ó Deus.
Abençoa o teu povo de Israel,
Segundo a tua boa vontade, e protege Jerusalém.
Tu te agradarás de todo o bem que eu fizer e dos sacrifícios que te oferecer
sobre o teu altar.

iv [Quinta-Feira de Endoenças]

«Um dia qualquer mais (...) no tempo da (...) Páscoa(1)! Pois! (...) E cantávamos
também... (...) esta oração.

-*Quinta-feira de Endoenças*(2)...
Sua santa homenidade(3)
Corredês(4) toda a cidade
com uma tã' pesada cruz!
No camilo(5) falta a luz. (...)
E o céu se escurecia
e o filho deste morria,
morria pa'(6) nos salvar.
- Ai, Jesus(7)!
- Se na'(8) há tal...
- Sobe além aquele oiteiro(9).
Verás uma rua regada
do se'(10) sangue verdadeiro.
O preso vai à coluna
e o preso vai ao cordilo(?).
E a Virgem vai a cabelo
pela rua da amargura.
- Eu oitocentos brados dava
e oitocentos brados daria!
Sem haver homem nem mulher,
com se's brados le(11) acudia.
Acudiu-le Badanel e Badanela Maria.
- De's(12) te salve! Hortelão, na' vistes aqui passar,
bom Jesus de Nazaré?
- Por aqui passou senhora
e antes do galo cantar!
Levava uma cruz às costas
que o fazia ajoelhar.
Uma corda ao pescoço
pra mais tormentos lhe dar.

E esse é que é me' (13) bom Jesus
que morreu pa' nos salvar.»
Mariana Bicho, Beja, Outubro de 2010

^v
***Voa voa
Joaninha
ligeirinha
voa voa
pinta preta
redondinha
na jaqueta
vermelhinha
voa voa
Joaninha
Joaneta
voa voa
Joaneta
Joaninha
ligeirinha
não enjoa.***

Joaninha voa voa
Que o teu pai foi a Lisboa
Com um saco de dinheiro
P'ra pagar ao sapateiro

Joaninha voa voa
Que o teu pai foi para Lisboa
Com um saco de farinha
Para ti, ó Joaninha.

Ou, então:

Joaninha voa voa
Que o teu pai está em Lisboa
A tua mãe no moinho
A comer pão com toucinho.

Joaninha voa voa
Que o teu pai está em Lisboa
Com um rabinho de sardinha
Para comer, que mais não tinha...

Joaninha voa voa

Que o teu pai foi p'ra Lisboa
Voa, Joaíinha voa
Qu'eu te darei pão e broa
Voa voa, Joaíinha
Leva cartas p'ra Lisboa
Enfiadas numa linha.

Ou, numa versão do Eduardo Olímpio e Paco Bandeira:

Joaíinha avoa avoa, que o teu pai foi para Lisboa
Joaíinha avoa avoa, a trabalhar
Joaíinha avoa avoa, que o teu pai foi para Lisboa
com os teus olhos no olhar.

Levou o saco de linho
com a rosa que bordaste
uma enxada e um ancínho
e o farnel que lhe amanhaste

Joaíinha avoa avoa, que o teu pai está em Lisboa
Joaíinha avoa avoa, a trabalhar
cava tuneis, avenidas
ergue casas coloridas para a cidade morar

Para a cidade morar
nele já moram saudades
da tua cara gaiata
do sol que há no teu voar

Joaíinha avoa avoa, que o teu pai foi para Lisboa
Joaíinha avoa avoa, a trabalhar
Joaíinha avoa avoa, que o teu pai está em Lisboa
em Lisboa a emigrar

Não enxerga o que se fala
cada grito é uma bala
dentro do peito a queimar.

Joaíinha avoa avoa, que o teu pai morre em Lisboa
devagar.

MJ FALCÃO disse...

A joaíinha bonita

que mora ameio do caminho
da rua das violeta
tem um vestido de chita
todo ele encarnadinho
e cheio de bolinhas pretas.

Quando os amigos lhe dizem:
Joaninha voa voa
que o teu pai está em Lisboa
foi lá comprar um brinquedo
a Joaninha responde:

Se és amigo verdadeiro
não me digas "voa voa"
o meu pai não tem dinheiro
para ter ido a Lisboa.

E a joaninha bonita lá se fica no caminho da rua das violetas
Tem um vestido de chita
todo ele encarnadinho
e cheio de bolinhas pretas...

Quem terá escrito? Decorei-o em criança, nunca mais me esqueci...

Outra ainda:

Joaninha avoa avoa
Que o teu pai stá em Lisboa...
Come a carne e deixa o osso
Amanhã pró teu almoço

^{vi} Benzedura para ERISPELA ERISPELÃO

Pedro e Paulo foram a Roma e no meio do caminho encontraram Nossa Senhora.
Ela perguntou-lhes: de onde vindes?
- Pedro e Paulo: vimos de Roma, Senhora.
- E que há por lá de novo?
- Morre por lá muita gente. É que há lá o mal da erisipela erisipelão.
- Voltai para trás Pedro e Paulo. Dai-lhe com azeite e folha de oliveira.
Depressa tudo se curaria em louvor e honra da Virgin Mary Maria.
Pai-nosso. Ave-Maria.
Diz-se nove vezes e em nove dias seguidos.